

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL EM SAÚDE

Débora de Cássia Ferreira

SABERES E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DOS ENFERMEIROS QUE ATUAM COMO
DOCENTES NOS CURSOS TÉCNICOS EM ENFERMAGEM NA ESCOLA DE
FORMAÇÃO EM SAÚDE – EFOS SÃO JOSÉ SC.

Rio de Janeiro

2019

Débora de Cássia Ferreira

SABERES E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DOS ENFERMEIROS QUE ATUAM COMO
DOCENTES NOS CURSOS TÉCNICOS EM ENFERMAGEM NA ESCOLA DE
FORMAÇÃO EM SAÚDE – EFOS SÃO JOSÉ SC.

Dissertação apresentada à Escola Politécnica
de Saúde Joaquim Venâncio, como requisito
parcial para a obtenção do título de Mestre em
Educação Profissional em Saúde.

Orientador: Prof. Dr. Francisco José da
Silveira Lobo Neto

Coorientadora: Prof. Dra. Ana Margarida de
Mello Barreto Campello

Rio de Janeiro

2019

Catálogo na Fonte

Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio

Biblioteca Emília Bustamante

Marluce Antelo CRB-7 5234

Renata Azeredo CRB-7 5207

F383s Ferreira, Débora de Cássia
 Saberes e práticas pedagógicas dos enfermeiros
 que atuam como docentes nos cursos técnicos em
 enfermagem na escola de formação em saúde - EFOS
 São José SC / Débora de Cássia Ferreira. - Rio de
 Janeiro, 2019.
 68 f.

 Orientador: Francisco José da Silveira Lobo
 Neto

 Coorientadora: Ana Margarida de Mello Barreto
 Campello

 Dissertação (Mestrado Profissional em Educação
 Profissional em Saúde) - Escola Politécnica de
 Saúde Joaquim Venâncio, Fundação Oswaldo Cruz,
 Rio de Janeiro, 2019.

1. Educação Profissionalizante. 2. Docentes.
3. Capacitação de Recursos Humanos em Saúde.
4. Escolas de Enfermagem. I. Lobo Neto, Francisco
José da Silveira. II. Campello, Ana Margarida de
Mello Barreto. III. Título.

CDD 370.113

Débora de Cássia Ferreira

SABERES E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DOS ENFERMEIROS QUE ATUAM COMO
DOCENTES NOS CURSOS TÉCNICOS EM ENFERMAGEM NA ESCOLA DE
FORMAÇÃO EM SAÚDE – EFOS SÃO JOSÉ SC.

Dissertação apresentada à Escola Politécnica
de Saúde Joaquim Venâncio, como requisito
parcial para a obtenção do título de Mestre em
Educação Profissional em Saúde.

Aprovado em 31/05/2019

BANCA EXAMINADORA

Dr. Francisco José da Silveira Lobo Neto (FIOCRUZ/EPSJV)

Dra Ialê Falleiros (FIOCRUZ/EPSJV)

Dra Maria Inês do Rego Monteiro Bomfim (UFF)

RESUMO

O estudo realizado mostrou que há uma mentalidade enraizada que diz que para ser o professor de disciplinas ou educação tecnológica, mostra-se suficiente o conhecimento dos conteúdos que serão lecionados, em detrimento do conhecimento pedagógico. As políticas educacionais voltadas à formação docente da educação profissional e tecnológica não se mostram suficientes por não abrangerem um quantitativo expressivo de profissionais que atuam nas escolas técnicas do SUS, sobretudo na EFOS – escola de Formação em Saúde do estado de SC, onde foi realizada a presente pesquisa, tendo como objeto de estudo os enfermeiros docentes que atuam nos cursos técnicos de enfermagem. Neste estudo optou-se pela pesquisa de natureza qualitativa, que é aquela onde os dados são coletados através de interações sociais e analisados pelo pesquisador. Justifica-se a escolha pela abordagem qualitativa de natureza aplicada, uma vez que, são os sujeitos deste estudo que fornecerão os elementos da investigação e a pesquisa tem como objetivo gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos. Analisar e compreender os saberes e práticas docentes configura-se como elemento a ser descoberto e descrito, caracterizando desta forma um estudo de caso. As etapas desta pesquisa compreenderam a revisão bibliográfica e o conteúdo das entrevistas realizadas com os enfermeiros docentes da Efos – SC. Na análise conseguimos confirmar a ausência de formação e conhecimento pedagógico dos enfermeiros docentes que atuam na formação dos técnicos em enfermagem em uma escola de SC. A fala dos enfermeiros é clara, reconhecem que existe a necessidade de tal conhecimento e se mostram dispostos a aperfeiçoar sua prática docente e pedagógica caso seja oportunizado.

Palavras-chave: Educação profissional, Saúde, Formação Docente.

ABSTRACT

The study carried out showed that there is a rooted mentality that says to be the teacher disciplines or of technological education, it shows the knowledge of the contents that are taught, to the detriment of pedagogical knowledge. Educational policies aimed at teacher education in vocational and technological education are not sufficient because they do not include a significant number of professionals working in SUS technical schools, especially in EFOS - health education school in the state of SC, where the present research, aiming to study the teaching nurses who work in technical nursing courses. In this study we opted for qualitative research, which is that the data are collected through social interactions and analyzed by the researcher. The choice of the qualitative approach is justified because it is the subjects of this study that provided the elements of the research and the research aims to generate knowledge for the practical application, directed to the solution of specific problems. Analyzing and understanding the teaching knowledge and practices is an element to be discovered and described, characterizing the case study. The stages of this research comprised the literature review and the content of the interviews conducted with the EFOS - SC teaching nurses. In the analysis we were able to confirm the lack of training and pedagogical knowledge of teaching nurses who work in the training of nursing technicians in an SC school. The nurses' speech is clear, recognizes that there is a need for such knowledge and they are willing to improve their teaching and pedagogical practice if it is opportune.

Keywords: Professional education, Health, Formation, Teacher.

LISTA DE QUADROS E FIGURAS

Quadro 1: Resumo da História da Educação Profissional.....	26
Quadro 2: Resumo da História da Educação Profissional na Área da Saúde.....	28
Figura 1: Mapa do estado de Santa Catarina.....	33
Quadro 3: Características Ocupacionais da Equipe de Professores da Efos.....	38
Quadro 4: Tempo de Formação na Graduação, Atuação na Docência e na Efos.....	39

LISTA DE SIGLAS

AVATAR	Ambiente Virtual de Aprendizagem Técnica, Aperfeiçoamento e Referência
CEDRHUS	Centro de Desenvolvimento de Recursos Humanos em Saúde
CEP	Comitê de Ética e Pesquisa
CES	Conselho Estadual de Saúde
CIES	Comissão Permanente de Integração Ensino Serviço – CIES / Estadual
CIES	Comissão Permanente de Integração Ensino Serviço Regional – CIES
CIR	Comissão Inter Gestores Regionais
CNS	Conselho Nacional de Saúde
DEPS	Diretoria de Educação Permanente em Saúde
DIDH	Diretoria de Desenvolvimento Humano
DOE	Diário Oficial do Estado
EFOS	Escola de Formação em Saúde
ENSP	Escola Nacional de Saúde Pública
EPS	Educação Profissional em Saúde
EPSJV	Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio
EPTNM	Educação Profissional Técnica de Nível Médio
ETSUS/SC	Escola Técnica do Sul de Santa Catarina
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz
KM	Quilômetro
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação
MS	Ministério da Saúde
PPREPS	Programa de Preparação Estratégica de Pessoal em Saúde
PROFAE	Projeto de Profissionalização dos Trabalhadores de Enfermagem
PROFAPS	Programa de Formação Profissional de Nível Médio para a Saúde
PRONATEC	Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego
RET - SUS	Rede de Escolas Técnicas do SUS
RS	Rio Grande do Sul
SC	Santa Catarina
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio à Pequena e Média Empresa
SES	Secretaria de Estado da Saúde

SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SENAR	Serviço Nacional de Aprendizagem Rural
SENAT	Serviço Nacional do Transporte
SESC	Serviço Social do Comércio
SESCOOP	Serviço Nacional de Apoio ao Cooperativismo
SESI	Serviço Social da Indústria

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO I – REFERENCIAIS DE ANÁLISE E DE PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	13
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA E HISTÓRICA.....	13
1.2 ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	22
CAPÍTULO II – EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NA ÁREA DA SAÚDE	25
2.1 EDUCAÇÃO PROFISSIONAL.....	25
2.2 EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NA ÁREA DA SAÚDE.....	27
2.3 FORMAÇÃO POLITÉCNICA.....	28
2.4 RECRUTAMENTO DE PROFESSORES PARA EPS.....	29
2.5 REGIME DE TRABALHO	30
CAPÍTULO III – EFOS-ESCOLA DE FORMAÇÃO EM SAÚDE DE SC	32
3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTADO DE SC.....	32
3.2 TRAJETÓRIA DA ESCOLA DE FORMAÇÃO EM SAÚDE – EFOS SC	34
CAPÍTULO IV – ANALISANDO RESULTADOS	38
4.1 CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA.....	38
4.2 ANÁLISE E DISCUSSÃO.....	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	47
APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA	49
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	50
ANEXO A – ENTREVISTA 01 NA ÍNTEGRA	53
ANEXO B – ENTREVISTA 02 NA ÍNTEGRA	56
ANEXO C – ENTREVISTA 03 NA ÍNTEGRA	58
ANEXO D – ENTREVISTA 04 NA ÍNTEGRA	60
ANEXO E – ENTREVISTA 05 NA ÍNTEGRA	62
ANEXO F – ENTREVISTA 06 NA ÍNTEGRA	64
ANEXO G – ENTREVISTA 07 NA ÍNTEGRA	66
ANEXO H – ENTREVISTA 08 NA ÍNTEGRA	68

INTRODUÇÃO

Esta dissertação se configura como uma investigação sobre a formação dos enfermeiros que atuam como professores nos cursos técnicos em enfermagem de uma escola estadual de São José –SC.

O desenvolvimento do presente estudo busca respostas para as questões relativas ao conhecimento pedagógico do enfermeiro que assume o papel de professor frente à formação de um contingente significativo de profissionais que irão atuar no campo da saúde, trazendo uma discussão sobre as políticas educacionais voltadas à formação docente dos profissionais que atuam na Educação Profissional Técnica de Nível Médio (EPTNM) na área da saúde.

O interesse em pesquisar este objeto se insere no contexto da minha história profissional onde experiências me levaram a uma preocupação com formandos e formadores, pois os educadores da saúde detêm o conhecimento técnico-científico, mas nem sempre, o conhecimento pedagógico, aí se incluindo aquele sobre as metodologias, as formas de transmissão, disseminação e construção do conhecimento.

Todos estes questionamentos motivaram meu trabalho de pesquisa, a partir de uma experiência própria, onde ministrando aulas teóricas, me deparei muitas vezes utilizando metodologias tradicionais¹ de ensino (que foram aquelas aprendidas na educação básica), enquanto diversas formas de ensino-aprendizagem vêm sendo construídas por conhecedores do assunto e incorporadas no cotidiano pedagógico. Quase nunca os profissionais de saúde tem acesso a este conhecimento na graduação, mantendo-se desatualizados e sem fazer uso de determinados recursos didáticos e pedagógicos. Da mesma forma, pouco ou nada nos questionamos sobre os projetos pedagógicos e a visão de formação humana que os embasa.

Minha formação inicial também foi no curso técnico em enfermagem e desde então venho trabalhando em hospitais públicos e privados adquirindo então uma experiência de 20 anos de trabalho na área da saúde. Minha graduação em enfermagem ampliou meus conhecimentos e continuei no trabalho de enfermagem. Atuando na área de cardiologia, me inseri no curso de pós-graduação *Lato Sensu* em Unidade de Terapia Intensiva e Unidade Coronariana, o qual me trouxe conhecimentos significativos na prestação de cuidados ao paciente cardíaco crítico. Durante essa trajetória, após a graduação em enfermagem, venho atuando como professora nos cursos técnicos em enfermagem, sempre me questionando sobre práticas pedagógicas, metodologias de ensino, até então desconhecidas por mim.

Com o meu ingresso no Mestrado Profissional de Educação Profissional em Saúde na Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV) da Fundação Oswaldo Cruz

(Fiocruz), onde meu projeto para inserção falava sobre as metodologias ativas, foi um fato impulsionador para eu prosseguir estudando mais sobre esse grupo de profissionais enfermeiros e sua relação com o trabalho pedagógico.

O conhecimento sobre os saberes e práticas pedagógicas dos docentes tem despertado interesse no campo da pesquisa que influenciado pela literatura nacional e internacional remodela a figura do professor em tempos de mudanças na forma de se fazer educação.

Os saberes e práticas pedagógicas dos profissionais que atuam na educação técnica, sobretudo na área da saúde, objeto do presente estudo, ainda apresentam lacunas, uma vez que esta não era uma exigência para o exercício da função de professor.

Conforme a LDB de 1996, explicitada no Art. 61, alínea I, modificado pelas novas alíneas IV e V, introduzidas pela lei n. 13.415/2017 que explicita, e autoriza o exercício profissional da docência a:

IV – profissionais com notório saber reconhecido pelos respectivos sistemas de ensino, para ministrar conteúdos de áreas afins à sua formação ou experiência profissional, atestados por titulação específica ou prática de ensino em unidades educacionais da rede pública ou privada ou das corporações privadas em que tenham atuado, exclusivamente para atender ao inciso V do caput do art. 36 e;

V – profissionais graduados que tenham feito complementação pedagógica, conforme disposto pelo Conselho Nacional de Educação.

Assim em geral, a formação dos técnicos que fazem parte da equipe multiprofissional de hospitais e outras instituições de saúde, atuando direta ou indiretamente na assistência ao paciente se dá sob a responsabilidade de enfermeiros, com ou sem experiência assistencial e quase sempre sem formação pedagógica. Destaca-se que a exigência de tal formação (pedagógica) não está prevista em lei, não sendo obrigatória, e que as escolas técnicas de saúde também não a solicitam.

O profissional que se coloca na posição de docente precisa ter domínio sobre as técnicas de enfermagem pertinentes a função, porém isto não é suficiente. Há um pensamento enraizado de que aquele que sabe fazer é capaz de ensinar e, para ser professor da educação profissional é suficiente o conhecimento dos conteúdos técnicos excluindo-se então os conhecimentos pedagógicos. É importante formar seres humanos pensantes, criativos e críticos na realidade em que estão inseridos. O “saber fazer” nem sempre pode ser igualado ao “saber ensinar a fazer”.

Kuenzer (1999, P. 172) afirma que “ao professor não basta conhecer o conteúdo específico de sua área; ele deverá ser capaz de transpô-lo para situações educativas, para o

que deverá conhecer os modos como se dá a aprendizagem em cada etapa do desenvolvimento humano, as formas de organizar o processo de aprendizagem e os procedimentos metodológicos próprios de cada conteúdo”.

A EPTNM necessita de professores que dominem além do conhecimento técnico, o conhecimento educacional. Porém, a Lei nº 13.415 de 16 de fevereiro de 2017, traz em seu Art.61 alínea IV uma situação bem preocupante. A referida lei aponta que é permitido aos profissionais com notório saber reconhecido pelos respectivos sistemas de ensino, ministrarem conteúdos de áreas afins à sua formação ou experiência profissional, atestados por titulação específica ou prática de ensino em unidades educacionais da rede pública ou privada ou das corporações privadas em que tenham atuado.

Diante do exposto, questionamos: Qualquer pessoa com formação superior ou designada como portadora de “notório saber” reconhecido, poderá ser um docente da EPTNM na área da saúde? A formação dos trabalhadores de nível técnico, já aligeirada e fragilizada, conta com mais este agravante, não especificando claramente como deverá ser a formação dos professores da educação profissional e quais metodologias o profissional portador de “notório saber” está apto a compartilhar com seus discentes em sala de aula.

Ramos (2010, pág. 135), nos traz em um dos capítulos de seu livro “Trabalho, educação e correntes pedagógicas no Brasil: um estudo a partir da formação dos trabalhadores técnicos da saúde” uma reflexão sobre a pedagogia tradicional. A autora coloca que esta tem o essencialismo como base e suas afirmações elementares implicam a subordinação do homem aos valores e aos princípios tradicionais.

A educação profissional tem o objetivo de formar trabalhadores capacitados tecnicamente a executar determinadas tarefas, operar equipamentos, entre outros. Porém é preciso abranger patamares mais elevados principalmente quando falamos em educação profissional em saúde.

Essa dimensão restrita, unilateral e instrumental da educação profissional precisa ser revista numa busca conjunta com objetivo de torná-la uma formação humana integral, em sentido pleno, incluindo as experiências do estudante/trabalhador, tornando estas, como parte do processo de aprendizagem e crescimento intelectual, integrando as dimensões que constituem a vida do trabalhador: econômica, social, política e cultural.

Identificar e analisar os saberes docentes, condutas e formação pedagógica desses profissionais a partir da percepção deles próprios é o objetivo aqui proposto, uma vez que existe a perspectiva de contribuir para uma atuação mais ampla e responsável no campo da educação profissional e tecnológica.

Assim, propuseram-se neste estudo os seguintes objetivos:

Objetivo Geral: Sugerir critérios para admissão de docentes para formação de profissionais em saúde na Efos (SC) e propor a realização de capacitações pedagógicas.

Objetivos Específicos:

- Identificar o percentual de profissionais enfermeiros que se utilizam da docência como uma atividade laboral secundária, extra, temporária ou complementar;
- Traçar o perfil dos professores entrevistados que atuam nos cursos técnicos em enfermagem na Efos no Estado de Santa Catarina;
- Conhecer a história da Efos (SC) e examinar seu Projeto Político Pedagógico verificando suas colocações em relação à formação do professor;
- Identificar, segundo a percepção dos enfermeiros que atuam como docentes nos cursos técnicos em enfermagem na Efos (SC), quais seriam os saberes e práticas pedagógicas necessárias ao exercício da docência.

CAPÍTULO I - REFERENCIAIS DE ANÁLISE E DE PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

1.1 Contextualização Teórica e Histórica

O curso de Graduação em Enfermagem teve início no Brasil em 1890 com a Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras pelo decreto nº 791 de 27 de setembro de 1890 (M.S. 1974) voltado prioritariamente para a formação do profissional assistencial. O Parecer CNE/CES n. 1.133 de 7 de agosto de 2001, trata além dos curso de graduação em enfermagem, os cursos de Medicina e Nutrição. Sendo assim, conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em enfermagem, o perfil do formando egresso é:

Enfermeiro, com formação generalista, humanista, crítica e reflexiva. Profissional qualificado para o exercício de Enfermagem, com base no rigor científico e intelectual e pautado em princípios éticos. Capaz de conhecer e intervir sobre os problemas/situações de saúde-doença mais prevalentes no perfil epidemiológico nacional, com ênfase na sua região de atuação, identificando as dimensões biopsicossociais dos seus determinantes. Capacitado a atuar, com senso de responsabilidade social e compromisso com a cidadania, como promotor da saúde integral do ser humano.(BRASIL. 2001)

Ainda com base nas diretrizes, são informadas as competências e habilidades, que se apresentam subdivididas em competências gerais e competências e habilidades específicas. Nas competências gerais são abordadas a atenção à saúde, tomada de decisões, comunicação, liderança, administração e gerenciamento e educação permanente. Nas competências e habilidades específicas são colocadas as competências técnico-científicas, ético-políticas e sócio-educativas.

A formação do enfermeiro, ainda segundo as Diretrizes deve atender as necessidades sociais de saúde, com ênfase ao Sistema Único de saúde (SUS) e assegurar a integralidade da atenção e a qualidade e humanização no atendimento.

Os conteúdos curriculares são: Bases Biológicas e Sociais da Enfermagem, Fundamentos de Enfermagem, Assistência de Enfermagem, Administração de Enfermagem e Ensino de Enfermagem. Ainda fazem parte da grade curricular o Estágio Curricular e as Atividades Complementares.

Os enfermeiros egressos dos cursos de bacharelado em enfermagem apresentam-se com qualificação voltada ao exercício da enfermagem propriamente dita. A atuação na área

educacional (formação de técnicos em enfermagem) mostra-se fragilizada tendo em vista que a formação deste profissional não prevê a ocupação da função de professor.

A sociedade passa por transformações de ordem cultural, econômica e social constantemente. Mudam as relações de trabalho refletindo inevitavelmente nas novas formas de se fazer educação. Não é certo que a educação esteja caminhando no sentido do crescimento intelectual devido aos inúmeros problemas que nosso país enfrenta, e o questionamento apontado por este trabalho de pesquisa busca respostas para tal acontecimento também. No entanto percebemos muitas pessoas com o propósito de mudar esta situação, sejam estudantes, professores e/ou sociedade em geral.

A tecnologia nos permite acessar a informação a qualquer tempo e em qualquer lugar e nos parece benéfico, porém não pode substituir o diálogo e o contato pessoa/pessoa, pois a experiência e a diversidade de personalidades se fazem ricas na troca de informações.

A educação precisa respeitar a individualidade, as crenças, os valores e princípios da dignidade humana, visando, contudo, ser um processo de desenvolvimento integral.

O profissional que irá atuar na educação precisa dominar conhecimentos necessários à docência, compreendendo a função social da educação e da escola, o trabalho docente compreendido em sua significação histórica, bem como conhecimento das diferentes áreas do saber e campos disciplinares do currículo da Educação (FREITAS, 1992).

O autor ainda coloca que:

...a porta de entrada obrigatória na preparação do profissional da educação, além de sua formação geral como educador, é sua preparação para o trabalho pedagógico ou, em outras palavras, sua formação como educador com ênfase na atuação como professor (idem 1992, pág. 8-9).

Continuando a refletir sobre a fala de Freitas (1992, pág. 8-9) “o profissional que irá atuar na educação precisa dominar conhecimentos necessários à docência...”, ficamos nos perguntando então se a educação técnica difere de outras formas de educação por mostrar-se tão indiferente as práticas pedagógicas.

Temos professores de educação tecnológica sem conhecimento pedagógico, sem saberes e práticas docentes, ensinando um saber fazer determinado trabalho.

Em contrapartida, a formação voltada para a assistência (embora contemple em seus conteúdos o Ensino de Enfermagem) tem a Formação de Professores por meio de Licenciatura Plena, que assegura ao curso uma estrutura voltada para a formação e capacitação de novos profissionais. Á partir dessa formação, o profissional está realmente preparado a exercer o

papel de professor, considerando o conteúdo programático e a quantidade de disciplinas voltadas para a área da educação. Porém, não é uma exigência para contratação de professores para a educação tecnológica.

Uma lacuna se coloca entre o profissional graduado e o professor do ensino tecnológico. Há sem dúvida indivíduos que atuam com consciência formadora que dispensaria tal titulação, porém acreditamos serem casos isolados. O ensinar um ofício requer conhecimento sobre o “ofício” e o “ensinar”. Aprendizados que são distintos e que se complementam na formação do indivíduo. Sendo assim Machado (2008, p. 15) nos trás uma reflexão sobre as licenciaturas, colocando que:

...as licenciaturas têm sido apontadas como absolutamente essenciais por serem o espaço privilegiado da formação do docente inicial e pelo importante papel que podem ter na profissionalização docente, para o desenvolvimento de pedagogias apropriadas às especificidades da educação profissional, o intercâmbio de experiências no campo da educação profissional, o desenvolvimento da reflexão pedagógica sobre a prática docente nesta área, o fortalecimento do elo entre ensino – pesquisa – extensão, pensar a profissão, as relações de trabalho e de poder nas instituições escolares, a responsabilidade dos professores etc. (MACHADO, 2008, P. 15)

Outro fator importante também apontado pela autora é de que estão hoje mais elevadas as exigências em relação ao perfil deste docente. Não é mais suficiente o padrão que diz que para ensinar basta saber fazer, apresentando limitações pedagógicas e teóricas em relação a atividades práticas que ensinam.

O docente precisa desenvolver a autonomia dos alunos, utilizando-se de pedagogias do trabalho independente, criativo e participando de projetos interdisciplinares, visando aprimorar os aspectos pedagógicos e didáticos da educação profissional.

A partir de 1996 deu-se a reforma da educação profissional pelo Ministério da Educação, baseada nos princípios neoliberais afetando diretamente a formação dos trabalhadores da saúde, centralizando o desenvolvimento de competências, flexibilizando a proposta de formação.

Em 1997 pelo Decreto n. 2.208/1997, que depois foi revogado pelo Decreto n. 5.154/2004 e incorporado à LDB/1996 pela Lei n. 11.741, de 2008 regulamentou a educação profissional, ficando definidos três níveis: básico, técnico e tecnológico. Em 2017 a Lei n. 13.415/2017 reformulou o Ensino Médio, colocando como “itinerário formativo” a “formação técnica e profissional”.

Costa & Coutinho realizaram uma análise documental das normativas e regulamentações oficiais para a formação de professores da educação profissional que teve por finalidade refletir e problematizar a lei nº 13.415/2017.

A referida Lei trata do beneficiamento do acesso de profissionais com notório saber para ministrar conteúdos de áreas afins à sua formação ou experiência profissional. Tal medida foi tomada com o intuito exclusivo de atender a formação técnica e profissional. (Costa & Coutinho, 2017).

Os autores lembram que desde 1909 os profissionais que ministravam os conteúdos não tinham formação pedagógica, existindo a necessidade de uma atenção voltada para a formação de professores da educação profissional, sendo que este cenário permanece até os dias atuais.

Pela busca efetiva da formação de professores para a educação profissional, reconhecendo a necessidade da formação em programas de capacitação pedagógica e cursos de licenciatura, programas emergem no cenário nacional destinado a este fim, como o projeto Larga Escala, PROFAE e PROFAPS. O Projeto Larga Escala – Curso de Capacitação Pedagógica para Instrutor / Supervisor – área da saúde, emergiu nos serviços públicos estaduais em 1981, no período pré SUS, desenvolvendo-se na década de 1980 até o final dos anos de 1990.

O Projeto Larga Escala:

Objetivou a formação profissional de trabalhadores de nível médio e elementar inseridos nos serviços de saúde, estes últimos genericamente designados como atendentes, majoritariamente excluídos tanto em termos da escolarização básica como da formação profissional desde o início da Enfermagem moderna no Brasil, na década de 1920. (TORREZ, 2014 p. 146).

Este programa configurou-se como estratégia na formação desses trabalhadores e na capacitação pedagógica dos profissionais de nível superior que atuavam como instrutores / supervisores docentes.

A partir de 1999, surge o PROFAE (Projeto de Formação dos Trabalhadores da Área de Enfermagem), uma ação desenvolvida pelo ministério da saúde para formação de recursos humanos em nível técnico para o SUS (BRASIL, 2003). Corroborando para a qualidade do programa foi realizado o Curso de Formação Pedagógica em Educação Profissional na área da saúde: enfermagem, pela ENSP Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca – FIOCRUZ, a partir de 2001.

A partir da experiência do PROFAE, coube mais uma vez a ENSP a implantação de uma nova política do Ministério da Saúde voltada para a educação profissional através da formação docente. Em 2009 foi ofertado o projeto piloto do curso de Formação Docente em Educação Profissional Técnica na Área da Saúde (PROFAPS).

Buscando atender a formação em áreas prioritárias / estratégicas, aparece aqui uma inovação com oferta de novos cursos técnicos como radiologia, patologia clínica e citotécnico, hemoterapia, manutenção de equipamentos, saúde bucal, prótese dentária, vigilância em saúde e enfermagem, bem como aperfeiçoamento e capacitação priorizando a saúde do idoso e a formação também dos agentes comunitários de saúde (Brasil, 2009).

A formação docente do PROFAPS contou com um curso em nível de especialização na modalidade à distância com duração de até 10 meses, destinado aos profissionais de saúde graduados em várias áreas.

Outros programas como o PROEAD (Programa de Educação a Distância) contou com credenciamento e autorização do Ministério da Saúde e formou entre 2000 e 2005 13.161 docentes especialistas em Educação Profissional Técnica em Saúde.

Em contrapartida, o reconhecimento do “notório saber” permite que profissionais bacharéis e tecnólogos permaneçam com a função de professor.

A ausência do conhecimento pedagógico limita a atuação do profissional na docência. O processo de ensino-aprendizagem precisa estar aliado ao conhecimento científico proporcionado pelo campo da educação. As metodologias de ensino buscam a qualidade da formação técnica profissional e colaboram para a formação holística do estudante.

Outras dimensões também precisam ser percebidas na atuação do professor como as humanas, afetivas, sociais, culturais e políticas. (Costa & Coutinho, 2017).

A formação para a docência precisa ser uma prática cotidiana e uma obrigação do poder público, haja vista que, os profissionais das mais diversas áreas geralmente não têm o conhecimento do campo da educação.

Por outro lado, corroborando com tal percepção, existe ainda a desvalorização da profissão do professor, deixando a impressão que tais conhecimentos voltados às práticas educativas são desnecessários e, portanto, dispensáveis.

A formação profissional precisa ir além da formação técnica, não basta ensinar um ofício, uma atividade laboral, é preciso formar além de profissionais, pessoas completas que busquem na educação profissional uma qualificação para o mercado de trabalho, já que vivemos em um país capitalista, porém, que elas consigam perceber a dimensão de suas relações com o meio em que estão inseridas.

Seguindo no estudo, precisamos ressaltar a questão do professor como facilitador no processo de ensino-aprendizagem. Libâneo, (1994), afirma que são fundamentais as relações democráticas entre educador e educando e os métodos de ensino ativos, uma vez que o papel do estudante é de coparticipante no processo de construir conhecimentos.

Uma das metodologias que iniciam com o aluno inserido na realidade é a metodologia da problematização, incluída entre as metodologias ativas. É fundamentada em abordagem pedagógica crítica, bastante utilizada hoje no campo da educação, e tais metodologias buscam desenvolver o compromisso social do estudante com a transformação da realidade.

Educadores como Paulo Freire, José Carlos Libâneo, Demerval Saviani entre outros, colocam que o processo de aprendizagem é concebido como uma resposta do aluno ao desafio de uma situação problema. Através do diálogo entre alunos e professores é descoberta a solução para o problema previamente colocado, tendo como objetivo aumentar a capacidade do aluno de se tornar participante no processo de construção da sua própria história com a finalidade de tornar-se um cidadão em busca de transformação e evolução constantes. (Brasil, 1994)

Semim, Souza e Corrêa escreveram um artigo que foi publicado na revista gaúcha de enfermagem de Porto alegre (RS), edição de 2009, trazendo a visão do estudante de enfermagem sobre o professor como facilitador do processo de ensino-aprendizagem.

O estudo foi de natureza qualitativa, descritivo-exploratória e foi adotada a análise temática. Participaram do estudo os alunos do curso de Bacharelado em Enfermagem, ingressantes nos anos de 2005 e 2006, que cursavam as disciplinas de Seminário Integrado, Integralidade do cuidado I e Integralidade do cuidado II.

O número de respostas utilizadas foram as de 142 alunos e na análise e discussão do material utilizado três núcleos temáticos: modo como o professor facilita o processo ensino-aprendizagem, modo como o professor se relaciona com os estudantes e modo como o professor realizou as avaliações.

O artigo nos traz o seguinte texto como Considerações Finais:

Para a maioria dos estudantes, o professor facilitou o processo ensino-aprendizagem, estimulando a reflexão. Para outros estudantes, o processo ensino-aprendizagem é facilitado quando o professor se mostra mais diretivo, o que se contrapõe à proposta de problematização. Quanto ao relacionamento professor/estudante, é facilitador o enfoque democrático no qual o professor apresenta disponibilidade e estabelecimento de vínculo. De outro modo, outros estudantes ressaltam como facilitador o professor ser amigo, esquecendo o seu papel orientador. Os estudantes fizeram poucos comentários sobre o processo de avaliação, o que associamos com possíveis limites do instrumento que deverá ser reformulado. Apesar disso, fizeram

sugestões para que o processo de avaliação formativo se torne mais efetivo. (SEMIM et al, 2009, pág. 490).

Podemos observar através deste estudo o quanto o papel do professor é importante e fundamental na relação do aluno com o aprendizado. Quando o professor não se apropria do seu papel na sociedade, recorrentemente ele forma o trabalhador manual. Na sociedade capitalista podemos observar dois tipos distintos de trabalhador: o “intelectual” e o “manual”. O primeiro geralmente teve acesso a oportunidades que permitiram a conquista de uma formação e com ela o conhecimento, necessita especialmente do empenho mental. Já o trabalhador que aqui chamamos de manual diz respeito ao indivíduo que realiza determinada atividade laboral utilizando-se apenas de sua força física e/ou habilidade com as mãos.

A meu ver nenhum trabalho é totalmente físico ou totalmente intelectual, a inteligência é muitas vezes exigida durante um trabalho manual e vice-versa.

Porém, o trabalhador manual muitas vezes é levado à repetição de um ofício (educação?), ele apenas aprendeu a fazer e repete esta atividade sem qualquer questionamento sendo fruto de uma educação inadequada e limitada ao aprendizado do ofício.

No Dicionário da Educação Profissional em Saúde, encontramos no texto de Lima, Neves e Pronko (2009), conceitos para o que os autores chamam de Trabalho Simples e Trabalho Complexo.

O Trabalho Simples teve seu conceito formulado por Karl Marx no volume 1 de O Capital, referindo-se a divisão social do trabalho que ao contrário do trabalho Complexo caracteriza-se por ser de natureza indiferenciada, força de trabalho independente de educação. Já o Trabalho Complexo caracteriza-se por sua natureza especializada, requerendo maior dispêndio de tempo de formação (LIMA, NEVES & PRONKO 2009).

Ainda sobre a formação os autores enfatizam a participação da iniciativa privada na educação profissional dos trabalhadores em saúde, colocando que mudanças técnicas e ético-políticas, na organização do trabalho em saúde, fizeram surgir os tecnólogos, uma formação tecnológica de nível superior que vem se expandindo de forma acelerada principalmente na rede privada de ensino (LIMA, NEVES & PRONKO 2009).

Na luta por uma construção sólida e articulada de uma política nacional de formação de professores para a educação profissional e tecnológica, Lucília Machado nos aponta a necessidade urgente de licenciaturas para a educação profissional.

A carência de pessoal docente qualificado tem se constituído num dos pontos nevrálgicos mais importantes que estrangulam a expansão da educação profissional no país. Atualmente, anunciavam-se diversas medidas orientadas à expansão quantitativa da oferta desta modalidade educativa no país, incluindo-se a

reorganização das instituições federais de educação profissional e tecnológica. (MACHADO, 2008, pág. 14)

Tendo em vista a atual complexidade do mundo do trabalho, a autora ainda coloca que essa modalidade educacional abrange processos educativos e investigativos de criação e adaptação de soluções técnicas e tecnológicas de fundamental importância para o desenvolvimento do país. Tal importância justifica a preocupação com a qualidade de formação e o preparo pedagógico dos profissionais que atuam na educação profissional e tecnológica.

A educação profissional tecnológica se configura como a formação para o trabalho, perdendo-se consideravelmente a função do educador, uma vez que se busca um profissional que transmita sua prática laboral, ensinando a realizar determinadas tarefas, eximindo-se de todo conteúdo pedagógico existente acerca da construção do conhecimento.

Tardif (2012) nos afirma que o professor ideal seria aquele que conhece sua matéria, sua disciplina e seu programa, além de possuir conhecimentos educacionais e pedagógicos que lhe permitam desenvolver um saber prático baseado em sua experiência cotidiana com os discentes.

A formação docente baseada nestes saberes contribuirá sobremaneira na formação politécnica, omnilateral e satisfatória, tanto para educadores, quanto para educandos, contribuindo para o crescimento educacional do país e formando profissionais mais qualificados, muito mais conscientes do seu papel na sociedade e no meio em que estão inseridos.

Na perspectiva de uma nova forma de se fazer educação, contamos com as metodologias ativas como propostas criativas, a fim de centralizar o processo de ensino e aprendizagem na participação mais significativa dos alunos, valorizando seus conhecimentos prévios, experiências de vida e realidade nas quais estão inseridos. Tal prática deve ser capaz de despertá-los para o reconhecimento dos problemas do mundo atual, tornando-os preparados para tomar decisões individuais e coletivas, com condições de inserir e promover as transformações necessárias em seus contextos.

Sendo assim, faz-se importante esta revisão nas práticas pedagógicas tradicionais, buscando novas maneiras de se fazer educação, onde o aluno sinta-se parte integrante no processo de transformar o conhecimento e a partir deste buscar novos horizontes, tendo a percepção de que não existe limite ou término para o saber. Este se dá constantemente em todos os momentos, seja na vida acadêmica ou na vida profissional, há sempre um aprendizado a ser extraído em cada novo dia, ao passarmos por cada experiência nova. A

educação é transformadora, porém não essa educação que nos é apresentada diariamente que pelo viés da economia tem sido vista como uma formação de capital humano focado na profissionalização e conseqüentemente direcionado para o trabalho.

A educação transformadora vem na direção oposta a essa ideologia, tendo como objetivo atender as necessidades da população menos favorecida e excluída dos direitos.

O exercício da docência na educação profissional, sobretudo na saúde, necessita da capacitação pedagógica e da habilidade para o exercício da docência, além da experiência na área de atuação para ministrar aulas, seja em teoria ou prática.

Já mencionamos neste trabalho que “saber fazer” difere de “saber ensinar a fazer”. O foco deveria estar direcionado para metodologias que instiguem o aluno a ser reflexivo pensante e não apenas um executor de tarefas. Relembrando que na área da saúde o trabalho se mostra peculiar, pois o atendimento que é prestado ao ser humano vai ser diferente, haja vista que cada ser é único.

O profissional enfermeiro, parte importante deste trabalho de pesquisa, tem suas questões para resolver (o fato de não ser um professor de formação) e ainda lidar com alunos, pacientes, familiares e equipe de saúde que atua supervisionando estágios. O profissional em meio a tantas responsabilidades necessita de equilíbrio e segurança para a execução de um trabalho de excelência e qualidade, sem danos a sua integridade física e emocional.

Muitos jovens e adultos buscam no ensino médio e na educação profissional apenas uma ponte que irá inseri-los no mercado de trabalho, então se aliada a essa busca pelo trabalho (somente) encontramos professores preparados somente para este fim (ensinar um ofício) a educação estaria sendo deixada de lado em sua integralidade, formando trabalhadores aptos apenas a função a que se profissionalizaram.

A contratação de professores para a Educação Profissional é precária sobre tudo nas ET-SUS, onde o vínculo empregatício é inexistente e a maneira como ocorre a “admissão” também não se mostra seletiva quanto à qualificação profissional e pedagógica deste profissional. Algumas escolas realizam uma capacitação pedagógica no início de um novo curso, porém alguns professores sequer iniciam suas atividades e já são substituídos por outros que não tiveram acesso a tal evento (capacitação). Isso se dá também devido ao fato de muitos profissionais fazerem da sua atuação como professor uma espécie de “bico” ou “extra”, para complementação da renda e, na possibilidade de uma melhor colocação no mercado de trabalho acabam abandonando o compromisso previamente firmado.

Outra medida bastante utilizada nas escolas é a apresentação de uma “aula modelo” pelo professor que pretende ocupar a vaga que está em aberto, ou seja, o enfermeiro prepara

uma aula sobre qualquer assunto e apresenta ao responsável pela contratação, ou pela escola e assim tem suas atividades iniciadas. Será que esta forma de avaliação é válida, apenas uma aula pode nos dizer sobre o conhecimento e a capacidade didática daquele enfermeiro / professor?

A educação profissional em saúde não se distancia da educação profissional, nem da educação regular, apenas nela existem particularidades que precisam ser pensadas, como o fato de os profissionais já estarem inseridos no mercado de trabalho muitas vezes, e estarem pretendendo uma atualização ou uma complementação de sua formação de base.

A maioria dos alunos da EFOS de SC são trabalhadores do SUS que já vivenciam alguma experiência nesse mercado de trabalho, seja relacionada com a saúde direta ou indiretamente ou atuando em outras atividades como administrativas, zeladoria, serviços gerais, entre outras.

1.2 Aspectos metodológicos

O conhecimento pode ser definido como uma bagagem intelectual adquirida pelo pesquisador durante toda sua vida. Desde o nascimento o ser humano interage com os objetos a sua volta e com a natureza, apropriando-se do conhecimento através das sensações e a partir dessas elabora representações que não constituem o objeto real, o mesmo existe independentemente de o homem o conhecer ou não.

“O conhecimento humano é na sua essência um esforço para resolver contradições, entre as representações do objeto e a realidade do mesmo. Assim, o conhecimento, dependendo da forma pela qual se chega a essa representação, pode ser classificado de popular, teológico, místico, filosófico e científico” (FONSECA, 2002).

Faz-se necessário um objeto específico de investigação e de um método para tal averiguação. Para Minayo & Minayo-Gómez, disponível em O Clássico e o Novo: tendências, objetos e abordagens em ciências sociais e saúde (2003, p. 118)

...não há nenhum método melhor do que o outro, o método, “caminho do pensamento”, ou seja, o bom método será sempre aquele capaz de conduzir o investigador a alcançar as respostas para suas perguntas, ou dizendo de outra forma, a desenvolver seu objeto, explicá-lo ou compreendê-lo, dependendo de sua proposta a adequação do método ao problema de pesquisa. (MINAYO & MINAYO, 2003, P. 118)

Para Marconi e Lakatos (1992) a pesquisa é um procedimento formal que se constitui o caminho para conhecer a realidade ou descobrir verdades parciais, além de ser um método de pensamento reflexivo requerendo tratamento científico.

Segundo Gil (2009, p. 17), a pesquisa científica é “o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos”.

Para a realização de uma pesquisa científica são necessários o desejo do pesquisador, o conhecimento do assunto, literaturas, recursos humanos, materiais e financeiros. (GIL, 2009).

A metodologia de pesquisa torna-se indispensável para a confiabilidade e boa qualidade do trabalho científico, dessa forma é importante e necessário classificá-la quanto à sua natureza, sua maneira de abordar o problema, seus objetivos e os procedimentos técnicos empregados.

A presente pesquisa é de natureza qualitativa, que é aquela onde os dados são coletados através de interações sociais e analisados pelo pesquisador. Geralmente este tipo de pesquisa busca identificar a perspectiva dos participantes considerando os diferentes pontos de vista e suas verdades na realidade em que estão inseridos.

Justifica-se a escolha pela abordagem qualitativa de natureza aplicada, uma vez que, são os sujeitos deste estudo – enfermeiros docentes dos cursos técnicos em enfermagem da EFOS – que fornecerão os elementos da investigação e a pesquisa tem como objetivo gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigida à solução de problemas específicos. A pesquisa aplicada é caracterizada por ter como objetivo resolver um problema concreto e imediato da sociedade.

Ludke e André (1986, pág. 17) afirmam que “quando queremos estudar algo singular, que tenha valor em si mesmo, devemos escolher o estudo de caso.” Portanto analisar e compreender os saberes e práticas docentes configura-se como elementos a serem descobertos e descritos, caracterizando desta forma um estudo de caso.

A pesquisa aqui proposta foi realizada na Efos – Escola de Formação em Saúde, que oferece aos trabalhadores do SUS (prioritariamente) e a comunidade, cursos de aperfeiçoamento, capacitação e formação na área da saúde. A população a ser entrevistada será composta pelos enfermeiros que atuam como docentes nos cursos técnicos em enfermagem da referida escola.

As etapas desta pesquisa compreenderam a revisão bibliográfica sobre o assunto de pesquisa, e o conteúdo das entrevistas realizadas com os enfermeiros docentes da Efos – SC. A entrevista foi semi-estruturada, sendo este o método de coleta de dados que mais se adequou a obtenção das respostas, que motivaram este trabalho de pesquisa.

A coleta de dados em forma de questionário é um dos processos mais empregados para obter informações, sendo uma técnica que apresenta as mesmas questões para todos os participantes. As questões que são submetidas a pessoas com o objetivo de obter informações acerca do problema central da pesquisa podem ser abertas, fechadas ou mistas. Para este estudo optamos, de acordo com nossa necessidade de informações, as questões do tipo mistas.

Para a coleta de dados foram solicitadas as devidas autorizações junto a Efos para obtenção de acesso aos documentos e registros da escola, relação de docentes cadastrados atuantes ou que atuaram na escola nos últimos 05 anos, o Projeto Político Pedagógico e outras informações que se mostrem relevantes ou indispensáveis. Solicitada a autorização do Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da EPSJV - Fiocruz, bem como a entrega aos participantes da entrevista, do termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

CAPÍTULO II – CONTEXTUALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NO BRASIL E NA ÁREA DA SAÚDE

2.1 A Educação Profissional

A Educação Profissional está vinculada diretamente à histórica luta da população brasileira pelo acesso à educação e ao trabalho, fazendo parte prioritariamente deste contingente as classes menos favorecidas e com menos acesso a oportunidades de uma educação mais ampla, voltada também para a pesquisa e não somente para a profissionalização. Isso se dá devido a uma cultura enraizada de se fazer da educação profissional apenas uma ponte para o trabalho e renda.

Na busca pela oferta de uma educação profissional de qualidade, haja vista seu importante impacto na formação da sociedade, esbarramos na duvidosa formação pedagógica e preparo docente para a educação supracitada.

É sabido que existem políticas de formação docente promovidas, por exemplo, pelos Projetos Larga Escala, PROFAE e PROFAPS, porém a questão é a suficiência destas políticas em abrangência, uma vez que são políticas voltadas e empregadas pelo SUS e a formação de trabalhadores técnicos na área da saúde, vem sendo desenvolvida também pelo mercado educacional da iniciativa privada.

A responsabilidade a que submetemos um técnico de enfermagem na execução de suas atividades precisa ser trabalhada ao longo de toda a formação, desde o primeiro dia. É uma profissão de risco para si e para o outro, e esta consciência precisa ser colocada à prova no momento em que se opta por uma profissão/formação como esta.

Então quem deve advertir, orientar, esclarecer, conscientizar este estudante da responsabilidade que está prestes a assumir e realizar todos os dias? O enfermeiro, que em sua maioria, também teve uma educação exclusivamente profissional, preparado para inúmeras situações críticas, difíceis e complexas, mas não preparado para essa atividade de formação.

A meu ver, o enfermeiro tendo em vista sua própria formação, adota uma perspectiva instrumental da formação do técnico: “ensinar a fazer” de forma mecânica e repetitiva. A formação humana crítica e omnilateral quase nunca fazem parte de sua prática pedagógica.

Morosini, Fonseca e Pereira, (2009) nos convidam a uma localização temática da educação em saúde como um campo de concorrência de projetos de sociedade e visões de mundo que se inovam nas formas de configurar e organizar os discursos e as práticas que dizem respeito à educação no campo da saúde.

Sobre metodologias de ensino, Ramos afirma a unidade entre conteúdo e método, no trabalho educativo:

O trabalho educativo tem por finalidade produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Para isto, são objetos da educação, por um lado, os elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que se tornem humanos – elementos culturais aqui devem ser entendidos como aqueles produzidos pela intervenção humana (conhecimentos científicos, éticos e estéticos). De outro lado, e concomitantemente, estão as formas mais adequadas para atingir esse objetivo, ou seja, os métodos. O trabalho educativo se constitui nesta unidade de conteúdo e método. Ao conteúdo correspondem os conhecimentos a serem ensinados e aprendidos, e ao método, a forma de ensinar e aprender. (Ramos, 2010, p. 226)

A autora afirma que o alcance dos objetivos educativos requer partir e tomar como referência o conhecimento objetivo produzido historicamente. A mesma coloca que, o essencial deve ser distinguido do acidental, o principal do secundário e o fundamental do acessório. Sendo assim, afirma que a escola é uma instituição que tem o papel de socializar o saber sistematizado, não se tratando de qualquer tipo de saber sendo que a escola tem a ver com o problema da ciência. (RAMOS, 2010).

Quadro 1: Resumo do Histórico da Educação Profissional

ANO	EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NO BRASIL
1909	O Decreto-Lei nº 7.562, de 23 de setembro de 1909, sancionado pelo então Presidente da República Nilo Peçanha, instituiu oficialmente a educação profissional brasileira com a criação de 19 (dezenove) Escolas de Aprendizes Artífices e o ensino profissional foi delegado ao Ministério de Indústria e Comércio.
1910	Oferta de novos cursos
1930	O ensino profissional se expandiu no Brasil, incluindo, em seu público-alvo, a elite e as classes mais baixas da sociedade.
1937	De acordo com a constituição tornou-se competência do estado criar escolas de aprendizes destinadas aos filhos de seus operários e associados.
1940	Criação das instituições responsáveis pela formação de mão-de-obra para os dois principais pilares da economia: a Indústria e o Comércio.
1942	Criação do SENAI e da lei Orgânica da Educação Nacional do Ensino Secundário.
1943	Criação da Lei Orgânica da Educação Nacional do Ensino Comercial.

1946	Criação do SENAC, SESC, SESI e da Lei Orgânica da Educação Nacional do Ensino Primário, Normal e Agrícola.
1990	Criação do SENAR, SENAT, SESCOOP e SEBRAE.

Fonte: Autora (2019) com base em Santos, 2018.

2.2 A Educação Profissional na Área da Saúde

Quando falamos em educação profissional em saúde, além do ambiente escolar temos o ambiente hospitalar como local de aprendizado. Há uma junção inevitável da figura enfermeiro/a e professor/a. O profissional da saúde precisa incorporar o profissional educador, pois no momento em que transmite conhecimentos, ensina algo, se torna um professor. Em uma perspectiva ainda mais abrangente podemos incluir em todo este contexto educacional e operacional uma questão extremamente importante que é a humanização. Ao ingressar no campo da saúde, inevitavelmente os estudantes/profissionais lidarão com vidas nas suas mais variadas formas de fragilidade. O profissional que transmite os conhecimentos e ensina técnicas, mostra como operar máquinas e equipamentos, ainda precisa lembrar continuamente ao aluno que nosso maior instrumento de trabalho é o corpo humano, conforme referido pela autora desta pesquisa em matéria escrita na Revista Comemorativa dos 25 anos da Efos – SC.

São várias as teorias pedagógicas e formas de produção de conhecimento. Os trabalhadores técnicos em saúde e mais precisamente a formação desses trabalhadores, precisa ser pensada, uma vez que, transmitir ou construir conhecimento se mostram necessários ao processo de aprendizado, porém a particularidade a que somos submetidos pela área na qual atuamos, faz muita diferença. Não estamos operando máquinas ou equipamentos sofisticados, não trabalhamos com os bancos e/ou bolsa de valores, não estamos administrando recursos financeiros, capital estrangeiro, ou fazendo política em determinada cidade ou país, estamos trabalhando com pessoas, com vidas.

Sendo assim, a graduação em enfermagem não se mostra suficiente para atender as demandas educacionais e de formação da sociedade. Sobretudo na formação do técnico em enfermagem.

A educação utiliza-se de uma gama de ferramentas metodológicas que os profissionais da saúde sequer imaginam, assim como a enfermagem também vivencia situações e formas de trabalho que os profissionais da educação em geral desconhecem.

As práticas educativas ainda se mostram voltadas para a hierarquização entre professor e aluno, apesar de identificarmos uma evolução / mudança nesta maneira de se fazer educação e construir conhecimento.

Retomamos então a discussão sobre a visão instrumental da formação técnica que prioriza o ensino a base do “ensinar a fazer” utilizando-se de uma postura rígida do ponto de vista profissional, haja vista que a grande maioria dos profissionais atua na assistência e dispõe de uma vivência cotidiana de trabalho, transmitindo essa rotina aos discentes a partir de condutas pré-estabelecidas e técnicas de trabalho repetitivas. Nesta forma de educação a transmissão de conhecimento mostra-se completamente rígida, onde o aluno aprende a fazer, sem maiores ganhos em se tratando do pensamento crítico e sem incentivo a pesquisa e aprimoramento. Podemos chamar até de trabalho baseado em receita pronta e, em se tratando principalmente da área da saúde, precisamos expandir nossa consciência tanto quanto educadores, profissionais ou estudantes.

Quadro 2: Resumo do Histórico da Educação Profissional na Área da Saúde

ANO	EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NA ÁREA DA SAÚDE
1980	Política de Formação dos Trabalhadores de nível médio e elementar na área da saúde. PPREPS – Programa de Preparação Estratégica de Pessoal em Saúde criado em 1976
1981	Projeto Larga Escala
1999	PROFAE
2004	PNEPS / PROFORMAR NACIONAL
2009	PROFAPS
2011	PRONATEC

Fonte: Autora (2019) com base em Santos (2018)

2.3 Formação Politécnica: formação humana integral.

A Formação Politécnica, ou formação humana integral, procura abranger o intelectual, o físico e o tecnológico. O sistema capitalista mantém uma estratégia do seu modo de produção utilizando-se da divisão social e técnica do trabalho e a educação instrumental para manter-se hegemônico, um sistema educacional classista que separa o trabalho intelectual do manual, o simples do complexo, formando seres humanos unilaterais.

Na ocasião em que mencionamos a educação do corpo, estamos propondo que esta compense no organismo os efeitos nocivos do trabalho à saúde, que conforme Marx “agride o sistema nervoso ao máximo, reprime o jogo polivalente dos músculos e confisca toda a livre atividade corpórea e espiritual” (Marx, 1996, p.53).

O autor citado no parágrafo anterior refere-se ao sistema de máquinas, porém no contexto deste estudo sobre a educação profissional em saúde, podemos identificar além do esforço físico como agressor do organismo e uma ameaça à saúde do trabalhador, o abalo emocional a que são submetidos os trabalhadores da saúde. O sofrimento, a dor, as limitações entre outros sentimentos, freqüentemente permeiam nossos dias nas rotinas de trabalho na área da saúde.

Estar preparado para lidar com os mais diversos conflitos e situações difíceis é uma construção e deve ser abordada na educação profissional em saúde, fazendo parte desta formação humana integral. Esta preocupação com o indivíduo que irá desenvolver determinado papel nas instituições que prestam serviço à população deve ter início precoce, principalmente na valorização do ser humano partindo da valorização dele próprio como pessoa antes de profissional.

Para Machado (1989, p. 126), na concepção de Marx, o ensino politécnico seria o único que estaria ao mesmo tempo articulando a tendência histórica de desenvolvimento da sociedade e fortalecendo-a. A autora segue afirmando que o ensino politécnico ao mesmo tempo em que atua diretamente sobre os indivíduos, contribui para o desenvolvimento de condições objetivas de transformação da sociedade.

2.4 Recrutamentos de Professores para a EPS

Atuando em três escolas de saúde bem-conceituadas na grande Florianópolis, pude perceber a forma com que profissionais iniciam atividades de docência sem nenhuma supervisão ou capacitação oferecida pela coordenação pedagógica da escola. A maioria dos profissionais prepara e ministra suas aulas da maneira que considera correta e adequada, não relacionando a nenhuma metodologia ou corrente pedagógica, apenas “transmitem o conteúdo”.

O trabalho técnico seja qual for precisa ser ensinado com práticas pedagógicas que possibilitem não somente a formação técnica, mas a formação humana integral. O trabalho do técnico em enfermagem não pode ser considerado um trabalho simples, uma vez que lida

freqüentemente com a vida e a morte, com eventos e intercorrências imprevisíveis que podem acontecer em qualquer momento da assistência e nos mais variados ambientes.

Outro ponto importante a ser discutido é o perfil deste estudante que procura através da educação profissional tornar-se um profissional da saúde. As questões que o levam a procurar esta formação: seja pela empregabilidade acessível, necessidade familiar, influências, condição financeira ou outros, são fatores que precisam também ser analisados durante a formação objetivando como fruto desta experiência, profissionais comprometidos, capacitados e que realmente incorporem o perfil desejado e esperado de um profissional de saúde e ser humano convicto de seu papel na sociedade.

Deparamo-nos então com mais uma responsabilidade a ser colocada sobre o profissional formador. A sensibilidade de perceber as limitações e intenções do aluno também não se restringe como tarefa fácil. A abordagem deve ser precoce no intuito de mostrar logo a responsabilidade que a profissão exige, ou encaminhar talvez este estudante para outra direção fazendo com que ele não tenha sensação de tempo perdido. É claro que a formação se dá ao longo do curso, porém algumas observações acerca do perfil do estudante já podem ser identificadas nos primeiros dias/meses de aula.

2.5 Regime de Trabalho

Atualmente as ET-SUS contam com um quadro de profissionais rotativo. Isso se dá devido ao fato de existirem poucas contratações permanentes nesta área e a grande maioria dos docentes são prestadores de serviço.

Bourdieu aponta que o trabalhador não considera importante em um emprego apenas o trabalho e o salário que são oferecidos, mas também a segurança que ele garante. O autor coloca que em todos os países “... a proporção dos trabalhadores temporários cresce em relação à população dos trabalhadores permanentes.” (Bourdieu 1998, pág. 51-52). Esta situação acarreta perda de vantagens que poderiam compensar os salários baixos, proporcionando segurança ao trabalhador como as garantias de saúde, aposentadoria e um emprego duradouro.

Nenhuma das partes tem firmado um compromisso, isso significa que a qualquer tempo o prestador do serviço pode desfazer o acordo e encerrar suas atividades docentes, acarretando dificuldades no andamento dos cursos e conseqüentemente na qualidade da formação.

O importante é que o enfermeiro/professor tenha consciência de sua grande responsabilidade nesta formação e disponha de conhecimento suficiente para transmitir habilidades técnicas e possua discernimento para lidar com situações como acima descrevi, quais sejam as pedagógicas.

A formação não apenas de profissionais, mas de seres humanos críticos, conscientes de seu papel na sociedade se mostra necessária e esse compromisso poderá gerar novas condições objetivas para que os profissionais de saúde que também são educadores possam construir a sua outra face, a de educador/professor em saúde, transformando essa em sua atuação principal, contribuindo para a saúde como bem público por meio da Educação Profissional dos seus trabalhadores.

Nosso estudo se dará somente no setor público, analisando a EFOS, Escola de Formação em Saúde em São José, SC. De que maneira se dá a formação pedagógica do enfermeiro que atua como docente nos cursos de técnicos em enfermagem e qual a visão deste profissional a cerca de seus saberes e práticas pedagógicas?

CAPÍTULO III – EFOS – ESCOLA DE FORMAÇÃO EM SAÚDE DO SUS EM SC

3.1 Caracterização do Estado de Santa Catarina

Com a descoberta do Brasil, Santa Catarina logo entrou na rota dos navegadores europeus. A expedição de Juan Dias Solis em 1515 foi a primeira a chegar em Santa Catarina. Nesta época nosso litoral era habitado por índios carijós, do grupo tupi-guarani.

Em 1526 o italiano Sebastião Caboto chega com sua expedição, a serviço da Espanha. A ilha recebeu o nome de “Baía dos Perdidos” e “Porto dos Patos”, até que em 1529 no mapa-mundi de Diego Ribeiro aparece pela primeira vez o nome Santa Catarina.

Em 1637 o território começou a ser povoado, com a chegada dos bandeirantes, que iniciaram a ocupação da futura capital que na época era chamada de Nossa Senhora do Desterro e hoje Florianópolis.

Em seus 95.346 km², o Estado de Santa Catarina abriga 6.248.436 habitantes (IBGE 2010) que vivem em 295 diferentes municípios, incluindo a capital Florianópolis. Os catarinenses – também conhecidos pelo gentílico de barriga-verde – são beneficiados pelas condições naturais da terra. O clima é o subtropical úmido mesotérmico, com temperaturas mais amenas do que no restante do país e chuvas bem distribuídas ao longo do ano. As estações são bem definidas. O calor de quase 40°C no verão atrai muitos turistas para as belíssimas praias do litoral do Estado, enquanto as temperaturas abaixo de zero do inverno tornam a Serra Catarinense ainda mais encantadora, principalmente quando há ocorrência de neve.

Santa Catarina está no topo do ranking de desenvolvimento humano e econômico. A qualidade de vida do estado é uma das maiores do país e o índice de expectativa de vida é superior à média nacional. Além disso, Santa Catarina tem a melhor distribuição de renda entre todos os estados brasileiros e os menores índices de pobreza, analfabetismo e violência. Nas últimas três décadas, a economia catarinense cresceu 340% e hoje o estado possui o 4º maior PIB per capita do Brasil. Tudo isso é fruto de um modelo de desenvolvimento descentralizado e de uma economia diversificada, com vocação exportadora, grande potencial para o turismo e forte ênfase na inovação, mas sem deixar de lado a pujança agrícola e industrial do estado.

As belíssimas praias encontradas ao longo dos 560 km do litoral catarinense são as principais atrações da temporada mais movimentada, a de verão (entre dezembro e fevereiro). Já no inverno, a Serra Catarinense é o destino mais concorrido, principalmente quando há

ocorrência de neve. Além disso, há destinos em Santa Catarina que atraem visitantes durante o ano inteiro, como o parque Beto Carrero World, em Penha, e o Santuário de Santa Paulina, em Nova Trento.

A Escola de Formação em Saúde EFOS tem papel importante na formação de profissionais na área da saúde de nível técnico no Estado de Santa Catarina. A mesma atua em 242 municípios pertencentes a 13 Regiões de Saúde do Estado de Santa Catarina: Extremo-Oeste, Xanxerê, Oeste, Alto Uruguai Catarinense, Meio-Oeste, Alto Vale do Rio do Peixe, Grande Florianópolis, Laguna, Carbonífera, Extremo Sul, Nordeste, Planalto Norte e Serra Catarinense.

Figura 1: Mapa do estado de Santa Catarina



Fonte: https://wikitravel.org/pt/Santa_Catarina

	Grande Florianópolis
	Norte
	Oeste
	Planalto Serrano
	Sul
	Vale do Itajaí

3.2 Trajetória de Escola de Formação em Saúde – SC

A EFOS – SC que teve início em 1992 com o projeto do Centro de Desenvolvimento de Recursos Humanos em Saúde, sob a coordenação da Gerência de Desenvolvimento de Recursos Humanos da Diretoria de Administração de Pessoal da Secretaria de Estado da Saúde de Santa Catarina SES/SC.

Conforme o Projeto Político Pedagógico da Escola, havia a necessidade da criação de uma escola de profissionalização em saúde, não só no Estado de Santa Catarina, mas a nível nacional, observando o aumento quantitativo e qualitativo da demanda de serviços de saúde para a implantação do SUS – Sistema Único de Saúde. (<http://portalses.saude.sc.gov.br>)

A discussão sobre a capacitação de recursos humanos compreendendo a formação e educação continuada dos trabalhadores de saúde ocupa um papel fundamental na perspectiva da execução das políticas públicas. Sendo assim, o SUS, diante destas inquietações, cria uma Rede de Escolas Técnicas de Saúde, em sua maioria, na década de 80, que foram instituídas, acompanhando um processo de redemocratização da sociedade brasileira, surgindo como alternativa para a resolução do problema de baixa qualificação da força de trabalho empregada nos serviços de saúde. (<http://portalses.saude.sc.gov.br>)

A Constituição Federal de 1988 no artigo 200 alínea III, sobre a educação profissional de nível médio vem estabelecer a construção de uma Política de Ordenação da Formação de Recursos Humanos na Área de Saúde - SUS, definindo esta atribuição ao Ministério da Saúde, abrindo possibilidade de formar trabalhadores com perfil pertinente às necessidades técnicas e sociais emergentes das necessidades locais e regionais, tendo em vista a garantia da implementação do Sistema Único de Saúde – SUS. (<http://portalses.saude.sc.gov.br>)

Essa concepção da formação busca caracterizar a necessidade de elevação da escolaridade e os perfis de desempenho do profissional, de modo a possibilitar o aumento da autonomia intelectual dos trabalhadores, do domínio do conhecimento técnico-científico, da capacidade de gerenciar tempo e espaço de trabalho, de exercitar a criatividade, de interagir com os usuários dos serviços, de ter consciência da qualidade e das implicações éticas de seu trabalho. (<http://portalses.saude.sc.gov.br>)

Frente à importância deste problema em Santa Catarina bem como em todo o Brasil, foi adotada a estratégia do Ministério da Saúde de incentivar a criação de Escolas do SUS, com reconhecimento e autorização do sistema educacional, para funcionarem de forma

descentralizada e atenderem às necessidades do setor, propiciando aos seus trabalhadores oportunidade de formação e aquisição de identidade profissional, pois tais processos de qualificação ocorriam na maioria das vezes fora dos serviços de saúde, o que dificultava a participação dos trabalhadores neste processo. “A redefinição do papel das Escolas Técnicas de Saúde se insere em três grandes processos em curso no Estado e na Sociedade brasileira: a reforma do aparelho de Estado, a reforma educacional e a reforma sanitária” (BRASIL, 1998, p. 2).

Para a ampliação do papel das Escolas Técnicas de Saúde se tornou fundamental a preparação para se buscar a construção e a consolidação de competências técnicas, gerenciais e políticas que deem “sustentabilidade às iniciativas de qualificação de pessoal de nível médio em saúde” (BRASIL, 1998, p. 5).

Com este enfoque é estruturado em 1992, o Centro de Desenvolvimento de Recursos Humanos em Saúde (CEDRHUS), com duas Escolas de Formação em Saúde e de Especialização e Aperfeiçoamento em Saúde Coletiva, além da Gerência de Educação Continuada, sob a coordenação da Gerência de Desenvolvimento de Recursos Humanos da Diretoria de Administração de Pessoal da Secretaria de Estado da Saúde, envolvendo vários servidores da Secretaria de Estado da Saúde - SES.

Em 09 de julho de 1993, a Lei Complementar nº 091/93, através do Ato nº 873/93, publicado no Diário Oficial do Estado - DOE, em 07/10/93, “cria o Centro de Desenvolvimento de Recursos Humanos em Saúde – CEDRHUS, alterando a estrutura organizacional da Secretaria de Estado da Saúde nessa área e dá outras providências”. O CEDRHUS inicia então suas atividades em 04 de julho de 1994, na Rua das Orquídeas, s/n, bairro Bela Vista III, município de São José, onde está instalada a sede da Escola até a presente data.

Na gestão estadual, iniciada em 2003, na estrutura organizacional, a escola passou a chamar-se EFOS - Escola de Formação em Saúde e figurava como gerência subordinada à Diretoria de Recursos Humanos. Com a edição da Lei Complementar nº 284, de 28 de fevereiro de 2005, que estabelece o modelo de gestão para a Administração Pública Estadual e dispõe sobre a estrutura organizacional do Poder Executivo, a EFOS, também uma Gerência, ficou subordinada à Diretoria de Desenvolvimento Humano - DIDH.

No início do ano de 2007, a Diretoria de Desenvolvimento Humano passa a ser renomeada, ficando a EFOS vinculada a Diretoria de Educação Permanente em Saúde - DEPS. A Escola de Formação em Saúde é mantida e subordinada pela Secretaria de Estado

da Saúde - SES/SC, sendo esta uma entidade pública do setor saúde, que oferece cursos aos profissionais da saúde que são em sua maioria financiados pelo Ministério da Saúde.

A Escola de Formação em Saúde buscando atender a demanda dos cursos de formação e qualificação tem seu horário de funcionamento estendido das 07h00min às 22h00min, num regime de escala entre os funcionários efetivos.

As ações da EFOS estão voltadas para a qualificação dos profissionais do Sistema Único de Saúde (SUS), atuando em treze Regiões de Saúde de sua abrangência: Extremo Oeste, Xanxerê, Oeste, Alto Uruguai Catarinense, Meio Oeste, Alto Vale do Rio do Peixe, Grande Florianópolis, Laguna, Carbonífera, Extremo Sul, Nordeste, Planalto Norte e Serra Catarinense. As demais três Regiões de Saúde são abrangidas pela Escola Técnica do SUS vinculada ao município de Blumenau.

No ano de 2014 foi criada a plataforma virtual AVATAR (Ambiente Virtual de Aprendizagem Técnica, Aperfeiçoamento e Referência). Uma ferramenta tecnológica que pode ser acessada de qualquer lugar com acesso à internet. A Plataforma Virtual da EFOS, chamada de AVATAR, tem como principal objetivo auxiliar e complementar o curso presencial.

Esta ferramenta tem o objetivo de contribuir para a aprendizagem dos alunos, assim como mais uma forma utilizada pelos mediadores na construção do conhecimento. É um espaço de aprendizagem onde os alunos podem consultar a apostila do curso, textos complementares, realizar avaliações e pesquisas.

A nova sede da Escola foi inaugurada no ano de 2016. Uma estrutura que vem atender as necessidades dos cursos técnicos oferecidos pela EFOS, contando com cinco andares distribuídos entre laboratórios, biblioteca, auditório, salas de aula e salas administrativas.

A EFOS oferece cursos, a serem realizados na sua grande maioria em serviço, reconhecidos pelo Conselho Estadual de Educação/SC, destinados aos profissionais trabalhadores do SUS, com escolaridade de ensino fundamental e médio.

Para a execução dos Cursos de Formação e Qualificação, a EFOS busca o apoio das instituições de saúde do estado, como as Agências de Desenvolvimento Regional de Saúde das Secretarias de Desenvolvimento Regional, Comissão Permanente de Integração Ensino Serviço – CIES / Estadual, Comissão permanente de Integração Ensino em Serviço Regional – CIES / Regional, Comissão Inter Gestores Regionais – CIR e dos municípios envolvidos no processo de ensino aprendizagem do trabalhador em saúde.

A EFOS tem como missão formar e qualificar profissionais em nível básico e técnico para o setor saúde e executar a capacitação nos recursos humanos para atuarem nos serviços, atendendo às necessidades do SUS.

Correspondem à missão da EFOS: tornar-se um centro de referência em Educação Permanente em Saúde de profissionais em nível técnico na área da saúde no Estado de Santa Catarina. Ser capaz de formá-los e qualificá-los a partir de competências, habilidades e atitudes específicas e interdisciplinares no seu campo de atuação, correspondem a visão da EFOS.

A educação profissional também tem parte de seu conteúdo oferecido em locais de trabalho pertinentes a determinada função. Na educação profissional em saúde, os hospitais e unidades de ensino fazem parceria no processo de ensino-aprendizagem, sobretudo prático.

CAPÍTULO IV - RESULTADOS

4.1 Caracterização da amostra

Os critérios para participação desta pesquisa foram graduação em enfermagem e atuação na EFOS nos últimos cinco anos. A escola forneceu a relação de professores com essas características e a escolha se deu por proximidade, ou seja, conveniência para o entrevistador e o entrevistado já que a pesquisa não possui financiamento. Sendo assim, a amostra foi composta por oito profissionais de enfermagem, predominantemente do sexo feminino. A idade média da população foi de 46 anos, sendo a idade mínima 35 anos e a máxima, 53 anos. A amostra em sua totalidade possui nível superior completo (100%). As entrevistas ocorreram entre os dias 06/02 e 17/02 do corrente ano a partir de um roteiro com questões norteadoras e a aplicação de um questionário para caracterização dos mesmos.

Com relação à formação dos profissionais, 07 (87.5 %) são graduados em Enfermagem e 01 (12.5 %) em Enfermagem e Direito. Todos possuem pós-graduação, mas apenas um profissional possui esta formação voltada para o campo da docência. Quanto à pós-graduação em nível de mestrado apenas uma entrevistada possui tal formação que também está direcionada para o campo da enfermagem. Nenhum dos profissionais entrevistados possui licenciatura em sua formação conforme quadro abaixo.

Quadro 3: Características Ocupacionais da Equipe de Professores da Efos

Características	Nº	%
Graduação		
Enfermagem	07	87.5 %
Enfermagem e Direito	01	12.5 %
Pós-Graduação		
Ensino para enfermagem	01	12.5 %
Gestão em saúde / Segurança do paciente	01	12.5 %
Obstetrícia	01	12.5 %
Terapias integrativas e complementares / Saúde pública	01	12.5 %
Unidade de Terapia Intensiva	01	12.5 %
Urgência /emergência	02	25 %

Gerontologia e Acupuntura	01	12.5 %
Mestrado		
Acadêmico em enfermagem	01	12.5 %

Seguindo no reconhecimento da amostra analisada, o quadro abaixo nos apresenta o tempo de formação dos profissionais, tempo de atuação na docência e tempo de atuação na EFOS. Verifica-se que 04 (50 %) dos profissionais têm mais de 10 anos de formação e atuação na docência. Em atuação na Efos, 04 (50 %) dos profissionais relataram estar na escola a menos de 05 anos.

Quadro 4: Tempo de Formação na Graduação, Atuação na Docência e na Efos

Características	Nº	%
Tempo de formação na graduação		
< 06 anos	02	25 %
06 -10 anos	02	25 %
> 10 anos	04	50 %
Tempo de atuação na Docência		
< 05 anos	02	25 %
05 -10 anos	02	25 %
> 10 anos	04	50 %
Tempo de atuação na EFOS		
< 05 anos	04	50 %
05 -10 anos	03	37.5 %
> 10 anos	01	12.5 %

4.2 Análise e discussão

Nesse item, se dará a análise e discussão das respostas as nossas questões fornecidas por nossos entrevistados na presente pesquisa. Para melhor compreensão, teremos como base

fundamentações teóricas a cerca das questões apresentadas aos participantes da pesquisa, apresentando-as separadamente.

Os enfermeiros entrevistados atuam na EFOS em conteúdos teóricos na própria escola (concentração) e com a prática na supervisão de estágios nos hospitais públicos da região (dispersão). Sendo assim, suas respostas estão embasadas na prática teórica que adquiriram no ambiente da sala de aula e teórica-prática nas instituições de saúde credenciadas e laboratórios pertencentes à própria escola conforme suas vivências.

As entrevistas foram gravadas e, posteriormente transcritas. A identificação da fala dos professores se deu através da letra P (professor), seguida do número correspondente à ordem das entrevistas.

No que se refere à formação pedagógica, necessária à atividade docente em saúde, a maioria dos entrevistados revelou não possuir. A pergunta era: Você possui licenciatura ou capacitação pedagógica?

01	Respostas
P2	Não [...] a gente continua estudando né, eu acho que quem dá aula tem que estar sempre se atualizando [...]
P4	Não possuo.
P5	Não [...] eu comecei pedagogia na faculdade né, mas fiz pouco tempo também [...] eu fiz magistério antigamente.
P6	Não. [...] eu tive nas palestras aqui [...] falavam capacitação a educação continuada, mas nada específico.

Quando questionados sobre suas atividades laborais, e número de horas dedicadas a cada vínculo, os entrevistados em sua maioria, revelaram ter pelo menos duas atividades laborais. A pergunta era: A docência representa sua atividade laboral principal? Em horas semanais, quantas horas você dedica a docência e quantas horas às outras atividades?

02	Respostas
P1	“Não. A minha atividade principal não é a docência, a minha atividade principal é a aqui como enfermeira [...] então são 40 horas aqui e 20 horas para docência”.
P2	“[...]dar aula pra mim é quase um hobby[...] então eu tenho um dia que

	eu tiro só pra dar aula, e eu dou aula algumas vezes a noite[...]então quando surge aula para mim a noite eu pego[...]dar aula me desestressa um pouco desse dia-a-dia aqui[...] minha atividade principal é a casa de repouso.
P3	“A atividade principal é na assistência”
P4	“[...] a minha atividade principal não é a docência é assistência.”
P5	“Não é a principal hoje”
P7	“Não [...] eu trabalho como enfermeira assistente [...] e a questão de ensino foi mais como um segundo vínculo [...]”

Sobre a orientação pedagógica para os professores da educação tecnológica, todos os entrevistados, consideraram ser importante. A pergunta era: Você acha importante a orientação pedagógica para os professores da educação tecnológica?

03	Respostas
P1	“Sim. A capacitação é sempre válida [...] depois de a gente estar lá a gente vê a importância que tem [...]”
P2	“Eu acho que sim [...] acrescenta bastante.”
P5	“[...] muito importante, eu acho que faz muita falta [...] tu acaba fazendo malabarismo [...]”
P6	“Com certeza. Eu acho que a base crucial pra ti ter qualidade no ensino [...] o professor chega pega o material monta e dá da sua forma [...] tem uma rotatividade muito grande [...] se tu arrumar algo melhor, a primeira coisa que tu vai largar é as aulas [...] é um bico [...]”.
P7	“Sim. É essencial.”

Ao pensarem sobre as metodologias de ensino, os enfermeiros demonstraram dúvidas e desconhecimento de quais são as principais. Você tem dúvidas em relação a metodologias de ensino? Conhece as principais?

04	Respostas
P1	“Eu conheço as principais dentro da minha área [...] dúvidas a gente sempre vai ter [...]”
P2	“Não [...] na verdade eu tenho a minha metodologia né [...] eu tento ensinar para os alunos de uma forma diferenciada [...]”

P3	“Eu conheço algumas [...] mas eu acredito que eu tenha dúvidas [...]”
P4	“Dúvida eu acredito que a gente tenha [...]”
P5	“Ah eu tenho bastante dúvidas [...] mas eu acho que isso é um assunto muito amplo [...] quando tu vai estudar a fundo tu vê que a gente não sabe nada, e como faz falta.”
P6	“Eu conheço poucas metodologias [...] eu aprendi com a minha vivência hospitalar [...]”
P7	“Eu tenho dúvidas [...]”
P8	“Não tenho conhecimento de todas [...]”

Sobre o ser docente em concentração (teoria) e dispersão (prática), os entrevistados colocaram suas dificuldades. O que julga mais difícil na docência em concentração?

05	Respostas
P1	“[...] é eles terem a concentração mesmo né [...]”
P3	“[...] eu tenho dificuldade porque eu sou da época do tradicional [...] eu acabo sempre querendo trazer pronto [...]”
P4	“[...] fazer com que eles estejam ali presentes, no sentido de responsáveis pelo seu aprendizado [...] é muito difícil [...]”
P5	“ [...]chega no final tu não sabe mais o que usar[...]
P6	“[...] é que tem que ter domínio do conteúdo e tu tá sempre te preocupando com essas etapas aí.”
P7	“[...] falta mais tempo de estudo [...] preparo de aula.”

O que julga mais difícil em dispersão?

06	Respostas
P1	“[...] falta de teoria, a falta do estudo [...]”
P3	“ eu peço para eles pesquisarem quando eles tem dúvida [...] a preocupação é que eles façam tudo certinho, que não tenha nenhum problema com o paciente [...] mas tenho mais dificuldade na concentração, na metodologia.”

Quando questionados sobre o interesse em participar de capacitações pedagógicas ou educação permanente na escola, caso esta oferecesse todos responderam que sim e que

compreendem a sua importância e necessidade. Gostaria que a Escola oferecesse capacitação pedagógica com frequência ou complementasse num quadro de educação permanente?

07	Respostas
P1	“[...] complementasse né [...] que fosse né uma vez por mês[...]”
P2	“[...] tudo que vem pra nós acrescenta [...] tudo que vem pra somar eu acho que é perfeito.”
P3	“Sim. Eu acho que seria bem interessante [...]
P4	“ [...] é de suma importância [...] para que a gente sempre estimule também na gente o aprendizado.”
P5	“A educação permanente eu acho que é muito melhor [...] educação permanente é tudo em qualquer lugar [...]
P6	“[...] eu acho que a escola deveria investir [...] acho que é fundamental [...]
P8	“ [...] o ideal seria com mais frequência[.]”

Em relação aos saberes e práticas pedagógicas, verificou-se que os entrevistados possuem pouco ou nenhum conhecimento sobre o assunto. Quais saberes e práticas pedagógicas você considera necessárias a suas atividades docentes? Como utiliza as teorias na sua prática?

08	Respostas
P1	“[...] eu acho que a gente precisa de material [...]acho que precisa de material de laboratório que eu acho que é muito importante[...] eu acho que precisa ter material né, material didático, eu acho que é muito importante a apostila [...]
P2	“[...] esse estudo é de grande crescimento, eu acho que alguém tem que se preocupar com isso mesmo até pra ver os profissionais que vão formar outros profissionais [...] eu acho que a própria escola teria que fazer uma seleção [...]
P3	Eu tenho dificuldade de deixar o aluno agir sozinho, então eu sempre quero ajudar, daí quando eu tentava fazer essa prática ativa né, metodologia ativa, eu tinha dificuldade mais porque a gente sempre quer se meter, mas eu tentava me controlar então isso é difícil, mas eu tenho que aprender mais [...] a gente é acostumada com a metodologia tradicional [...]

P4	“[...] na docência a gente tem pouco estímulo [...]
P5	“[...]eu acabo focando muito nessa dinâmica, aí seria a minha prática pedagógica né [...]
P6	“Eu dou aula passando o conteúdo [...] a gente faz um conjunto”
P7	“[...] todo enfermeiro, todos nós enfermeiros deveríamos ter essa prática [...]
P8	“[...] eu incremento minhas aulas conforme o interesse dos alunos [...] não sigo nenhuma específica, cada aula pode se tornar diferente dependendo do interesse do aluno.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou instigar uma reflexão a cerca dos critérios que devem ser utilizados na admissão de professores para a educação profissional e tecnológica, sobretudo na área da saúde. Seja analisar os critérios meramente inclusivos ou avaliativos, classificatórios ou não, para a seleção de profissionais com notório saber ou, como um incentivo a práticas que proporcionem um conhecimento pedagógico contínuo que possa caminhar paralelamente ao trabalho docente dos enfermeiros que atuam como professores dos cursos técnicos em enfermagem da EFOS – SC.

A EFOS conta com uma coordenação pedagógica que articula e supervisiona as atividades de planejamento, execução e avaliação dos cursos ofertados pela escola. Ainda são atribuições da equipe pedagógica, supervisionar as atividades e acompanhar o processo de ensino-aprendizagem, sugerindo atualizações no acervo da escola e nos recursos tecnológicos entre muitas outras. Também compete ao coordenador pedagógico, de acordo com o Projeto Político Pedagógico da escola, assegurar juntamente com outros envolvidos no processo, a formação continuada dos coordenadores de turma e mediadores.

De acordo com a pesquisa aqui realizada, um percentual altíssimo (praticamente 100%) dos profissionais que atuam na docência na EFOS o faz como uma atividade laboral secundária, extra, temporária ou complementar, ou seja, possuem outro vínculo empregatício.

A relação de trabalho informal proposta pela RET SUS dificulta o trabalho pedagógico da escola, haja vista que a alta rotatividade é um fator sabido e, alguns profissionais mesmo participando da capacitação pedagógica no início de um novo ciclo muitas vezes são substituídos por outro sem terem sequer iniciado suas atividades. Os docentes dos cursos técnicos de enfermagem da EFOS não mantêm com a escola nenhum vínculo empregatício, conseqüentemente seus direitos e deveres se perdem. Então quando outra oportunidade aparece, o enfermeiro acaba afastando-se da docência.

Os enfermeiros que atuam como docentes nos cursos técnicos em enfermagem da Efos de acordo com a amostra analisada possuem graduação em enfermagem, pós-graduação em áreas voltadas a prática assistencial e apenas um profissional possui mestrado profissional que também é voltado para a prática do exercício da enfermagem, sendo assim fica evidente o despreparo para o exercício da docência.

A pesquisa aqui apresentada se mostrou extremamente relevante, uma vez que se confirmou a pergunta em questão. O fato de grande parte dos enfermeiros que atuam como

docentes na EFOS –SC não possuem formação ou conhecimento pedagógico suficiente para garantir a qualidade do processo de ensino aprendizagem.

Pedagogos e enfermeiros são conhecedores de áreas muito distintas, a prática da enfermagem está envolvida com situações relacionadas ao processo saúde-doença, ambientes específicos e atividades muito peculiares à prática assistencial. O profissional da pedagogia tem em sua formação a essência do aprendizado, ou seja, aquilo que nós enfermeiros queremos é saber transmitir / construir o conhecimento com nossos discentes de maneira eficiente, humana e holística.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre, 1930. *Contrafogos: táticas para enfrentar a invasão neoliberal* / Pierre Bourdieu; tradução Lucy Magalhães. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editora 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação / Conselho Nacional de Educação / Câmara de Ensino Superior. Parecer n. 1.133 de 07/08/2001. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cels1133.pdf>. Acesso em 10/01/2019.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Coordenação Geral de Desenvolvimento de Recursos Humanos para o SUS.
- BRASIL. Ministério da Educação (BR). Resolução CNE/CES n ° 3, de 7 de novembro de 2001. Diário Oficial da União, Brasília, 9 de novembro de 2001. Seção 1, p. 37.
- BRASIL. Ministério da Saúde (BR). Fundação Serviços de saúde Pública. *Enfermagem: legislação e assuntos correlatos*. 3ª ed. Rio de Janeiro; 1974. 3 v.
- BRASIL. Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Departamento de Gestão da Educação na Saúde. *Projeto de Profissionalização dos Trabalhadores da Área de Enfermagem*. Brasília: Ministério da Saúde; Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003.
- COSTA, Maria Adélia; COUTINHO, Eduardo Henrique Lacerda. *A Formação de professores para a educação profissional e o notório saber: uma ponte para o passado*. IV Colóquio Nacional e I Colóquio Internacional. *A Produção do Conhecimento em Educação profissional*, 2017
- A Reforma do Ensino Médio (Lei 13.415/2017 E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL.)* Natal _ RN – 34 a 27 de julho de 2017 – Campus Natal Centra - IFRN. Disponível em: <https://ead.ifrn.edu.br/colouquio/anais/2017/trabalhos/eixo3/E3A8.pdf>. Acesso em junho 2018.
- EFOS, PPP (Projeto Político Pedagógico da Escola de Formação em saúde – EFOS) Disponível em: <http://portalses.saude.sc.gov.br>
- FREITAS, L. C. *Neotecnicismo e formação do educador*. In: ALVES, N. *Formação de professores: pensar e fazer*. São Paulo: Cortez, 1992a (Coleção Questões de Nossa Época, vol. 1).
- FONSECA, J.J.S. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza, 2002.
- GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. – 4. Ed. – São Paulo: Atlas, 2002.
- GOLDENBERG, P.; Giffoni, R.M.; GOMES, M.H.A. *O Clássico e o Novo: tendências, objetos e abordagens em ciências sociais e saúde* Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003. Disponível em http://bvsmms.gov.br/bvs/publicacoes/classico_novo_abordagens_ciencias_sociais.
- LIBÂNEO, J.C. *Didática*. São Paulo: Cortez; 1994
- LIMA, J.C.F.; NEVES, L.M.W.; PRONKO, M.A. *Educação em saúde. Dicionário da Educação profissional em Saúde*, 2. Ed. Ver. Ampl. – Rio de Janeiro: EPSJV, 2009. Disponível em: www.Epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/tracom.html.
- LUDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. *Pesquisa em educação: Abordagens Qualitativas*. São Paulo: E.P.U., 1986.
- MARX, K. *O capital. Crítica da economia política*. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- MACHADO, L. *Politecnia, escola unitária e trabalho*. São Paulo: Cortez, 1989.
- MACHADO, L. R. de S. *Diferenciais inovadores na formação de professores para a educação profissional*. *Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica*, v. 1, n. 1, jun. 2008. Brasília: MEC/Setec, 2008.
- MARCONI, M.; LAKATOS, E. *Metodologia do trabalho científico*. SP: Atlas, 1992.

- MOROSINI, M. V., FONSECA, A. F. e PEREIRA, I. B. Educação em saúde. IN: PEREIRA, I. B & LIMA, J. F. L. Dicionário da Educação profissional em Saúde, 2. ed. rev. ampl. – Rio de Janeiro: EPSJV, 2009.
- PRONKO, M.; CORBO, A.; STAUFFER, A.; LIMA, J. C.; REIS, R. A formação dos trabalhadores técnicos em saúde no Brasil. In: PRONKO, M.; CORBO, A.; STAUFFER, A.; LIMA, J. C.; REIS, R. (org.). A formação de trabalhadores técnicos em saúde no Brasil e no Mercosul. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/FIOCRUZ, 2011. p.63-160.
- RAMOS, M. Trabalho, educação e correntes pedagógicas no brasil: um estudo a partir da formação dos trabalhadores técnicos da saúde. Rio de janeiro: EPSJV / FIOCRUZ. UFRJ Editora, 2010.
- Revista Efos – Educação e Saúde – nº1 julho de 2018. Disponível em:
<https://issuu.com/efos2018/docs/revista-efos-final-06-07>
- SEMIN, G.M.; Souza, M.C.B.M.; Corrêa, A.K. Professor como facilitador do processo ensino-aprendizagem: visão de estudante de enfermagem. Rev Gaúcha Enferm., Porto Alegre (RS) 2009 set;30(3):484-91. Disponível em:
<http://seer.ufrgs.br/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/9210>
- TARDIF, M. Saberes Docentes e Formação Profissional. Petrópolis, RJ: Vozes (2012).
- TORREZ, M.N.F.B. Políticas de formação docente para a educação profissional técnica na área da saúde, na perspectiva de reforma sanitária. Campinas, SP, 2014.
- VIEIRA, M. Et ali. Dinâmica da Formação Técnica e da Ocupação de Postos de Trabalho em Saúde. In: Morosini, M. V. G. C. Et ali. Trabalhadores técnicos em saúde: aspectos da qualificação profissional no SUS. Rio de Janeiro: EPSJV, 2013. Disponível em
<http://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/1231.pdf>
- SANTOS, Luciana Freitas dos. A presença da pedagogia libertadora de Paulo Freire na formação dos docentes da educação profissional técnica de nível médio em saúde na ETSUS/RR – Rio de Janeiro, 2018. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-graduação da EPSJV.
<http://www.sc.gov.br>
<http://turismo.sc.gov.br>
[https://wikitravel.org/pt/Santa Catarina](https://wikitravel.org/pt/Santa_Catarina)

APÊNDICES

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA

IDENTIFICAÇÃO:

Data: ____/____/2008

Nome (iniciais):

Idade: Profissão:

Graduação:

Pós-graduação:

Mestrado:

Tempo de formado na graduação:

Tempo de atuação na Efos:

Tempo de atuação na Docência:

QUESTÕES NORTEADORAS:

Você possui licenciatura ou capacitação pedagógica?

A docência representa sua atividade laboral principal? Em horas semanais, quantas horas você dedica a docência e quantas horas às outras atividades?

Você acha importante a orientação pedagógica para os professores da educação tecnológica?

Você tem dúvidas em relação a metodologias de ensino? Conhece as principais?

O que julga mais difícil na docência em concentração?

O que julga mais difícil na docência em dispersão?

Gostaria que a Escola oferecesse capacitação pedagógica com frequência ou complementasse num quadro de educação permanente?

Quais saberes e práticas pedagógicas você considera necessárias a suas atividades docentes? Como utiliza as teorias na sua prática?

APÊNDICE B – TCLE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa “Saberes e Práticas pedagógicas dos enfermeiros que atuam como docentes nos cursos técnicos em enfermagem na escola de formação em saúde – EFOS São José SC: um estudo de caso”, desenvolvida por Débora de Cássia Ferreira, discente de Mestrado em Educação Profissional em Saúde da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio da Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV/FIOCRUZ), sob orientação da Professora Dr^a. Ana Margarida de Mello Barreto Campello e do Professor Dr. Francisco José da Silveira Lobo Neto.

O objetivo central do estudo é analisar os saberes e práticas pedagógicas dos enfermeiros que atuam como docentes nos cursos técnicos em enfermagem, identificar qual o percentual de profissionais enfermeiros utiliza-se da docência como uma atividade laboral secundária, extra, temporária ou complementar, além de traçar o perfil desses profissionais, identificando segundo a percepção dos enfermeiros, quais seriam os saberes necessários ao exercício da docência.

O convite a sua participação se deve ao fato de você pertencer ao corpo docente da Escola de Formação em Saúde-EFOS a mais de 01 ano e ter como formação a graduação em enfermagem.

Sua participação é voluntária, isto é, ela não é obrigatória, e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como retirar sua participação a qualquer momento. Você não será penalizado de nenhuma maneira caso decida não consentir sua participação, ou desistir da mesma. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa.

Para assegurar a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas apenas os pesquisadores do projeto que se comprometeram com o dever de sigilo e confidencialidade terão acesso a seus dados e não farão uso destas informações para outras finalidades.

A sua participação consistirá em responder perguntas de um roteiro de entrevista/questionário à pesquisadora do projeto. A entrevista somente será gravada se houver sua autorização.

O tempo de duração da entrevista será de aproximadamente trinta minutos, e do questionário aproximadamente quinze minutos.

A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar do pesquisador informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste Termo.

Se houver algum dano, comprovadamente decorrente da presente pesquisa, você terá direito à indenização, através das vias judiciais, como dispõem o Código Civil, o Código de Processo Civil, na Resolução nº 466/2012 e na Resolução nº 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

As entrevistas serão transcritas e armazenadas, em arquivos digitais, mas somente terão acesso às mesmas a pesquisadora e seus orientadores.

O benefício direto relacionado com a sua colaboração nesta pesquisa é de ampliação do conhecimento, identificando através do mesmo, novas formas de se fazer educação e incentivando o aprimoramento de novas práticas educacionais com metodologias de ensino desconhecidas, aliadas ao conhecimento técnico que é peculiar ao ofício da enfermagem.

Toda pesquisa possui riscos potenciais maiores ou menores. De acordo com o objeto de pesquisa, seus objetivos e a metodologia escolhida, os riscos na pesquisa proposta são mínimos e podem incluir constrangimentos, desconforto ou vazamento de dados, porém diante de qualquer intercorrência você poderá retirar-se e/ou desistir da participação na presente pesquisa o que não implicará em prejuízos para você, nem para sua família. O pesquisador se compromete a evitar quaisquer riscos que possam vir a prejudicar ou constranger de qualquer forma o participante.

Os resultados serão apresentados aos participantes em relatórios individuais para os entrevistados.

Este termo é redigido em duas vias, sendo uma para o participante e outra para o pesquisador. Todas as páginas deverão ser rubricadas pelo participante da pesquisa e pelo pesquisador responsável, com ambas as assinaturas apostas na última página.

Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da EPSJV. O Comitê é formado por um grupo de pessoas que têm por objetivo defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e assim, contribuir para que sejam seguidos padrões éticos na realização de pesquisas.

Tel do CEP/EPSJV: (21) 3865-9729

E-Mail: cep@epsjv.fiocruz.br

Endereço: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/ FIOCRUZ, Avenida Brasil, 4365 - Manguinhos - Rio de Janeiro – RJ - CEP: 21040-900

Local e data:

PESQUISADORA: DÉBORA DE CÁSSIA FERREIRA

e-mail: deboraferrera.coelho@yahoo.com.br

Telefone: (48) 98426-0305 ou (48) 3247-4670

Declaro que entendi os objetivos e condições de minha participação na pesquisa intitulada “Saberes e Práticas Pedagógicas dos Enfermeiros que atuam como Docentes nos cursos técnicos em enfermagem na Escola de Formação em Saúde – EFOS São José SC: um estudo de caso” e concordo em participar.

Autorizo a gravação da entrevista

PARTICIPANTE

ANEXOS

ANEXO A – ENTREVISTA 01 NA ÍNTEGRA

Data: 06/02/2019

Nome (iniciais): L.A.

Idade: 53

Profissão: ENFERMEIRA

Graduação: ENFERMAGEM

Pós-graduação: OBSTETRÍCIA

Mestrado: -

Tempo de formado na graduação: 20 ANOS

Tempo de atuação na Efos: 20 ANOS

Tempo de atuação na Docência: 20 ANOS

RESPOSTA DAS QUESTÕES

1. Sim. Possuo capacitação pedagógica que são realizadas na Efos.
2. Não. A minha atividade principal não é a docência, a minha atividade principal é a aqui como enfermeira, mas pega uma boa carga horária, todas as noites é que eu fico na parte da docência. Em horas semanais são 20 horas e aqui (no hospital) são 40 horas semanais porque a gente acaba fazendo hora-plantão. Então são 40 horas aqui e 20 horas para docência.
3. Sim. A capacitação é sempre válida, eu acho assim essas capacitações que a gente vai, até a gente tem que tirar um tempinho e tudo né, mas depois da gente estar lá a gente vê a importância que tem, até pra gente se reciclar né, porque a gente tem que estar sempre se reciclando.
4. Não. Eu conheço as principais dentro da minha área né. Dentro da metodologia da minha área, eu acho assim que dúvidas a gente sempre vai ter né. Quando a gente não tem mais dúvidas é porque realmente...é a gente nunca sabe tudo. Dúvidas a gente sempre vai ter. Então eu tenho as metodologias que a gente conhece na nossa área né que na Efos por exemplo já é diferente da do Senac né. Na do SENAC não existe notas né, a nossa ali é só por avaliação de, é bem diferente é avaliação do que eles fazem se atingiram ou não a meta. Então não tem nota, nota que eu digo conceito, não tem prova, já o da Efos também eles que constroem esta metodologia muito boa, eles que constroem a gente às vezes é criticada com essa metodologia, a gente sabe, não sei a teoria eu acho, mais na teoria né, sempre na teoria.

Então a gente vai pra lá, antes eles diziam “a gente vem pra cá e a gente é que faz tudo, a professora não sabe” elas que mandavam, e depois a gente lutou muito que isso sempre foi uma metodologia da EFOS desde quando a gente começou com o PROFAE. A gente começava assim, a gente chegava com o tema e eles que construíam depois eles vinham pra sala de aula depois do intervalo e isso a gente foi muito criticada mas eu acho essa metodologia muito válida e essa metodologia de eles construírem né eu acho que é nova, foi inovadora por isso que a gente precisou e foi na capacitação que a gente aprendeu. Pra gente foi difícil porque pra gente era mais fácil chegar ali e dar o conteúdo todo e eu acho que por isso, acho que eu estou até escapando um pouquinho da pergunta mas tá dentro da metodologia e eu acho que isso foi muito válido até quando a gente briga sobre isso porque daí eles querem dizer que a gente tá chegando e tá botando tudo nas mãos deles né e a gente quando está falando muito ainda mais agora com esses celulares que a gente não tem muito controle, a gente sabe que a gente fica dando aula e eles ficam falando com o povo, que não tão se concentrando ali na aula. Quando eles mesmos, vem pra sala de aula construindo, eles prestam atenção porque eles sabem que depois aquilo ali quando o outro grupo está apresentando, mas sempre com o professor presente é lógico, e fazendo o feed-back final né que a gente faz obriga eles a participar, eles chegam muito cansados porque a gente sabe que os nossos alunos são alunos que vem do trabalho, eles também tem outra ocupação e quando eles chegam eles chegam cansados eu que dou aula a noite então, e a gente sempre fazendo o feed-back final né e entre perguntasse é bom que eles mesmos vão vendo como é que a professora fica na frente né, vai pro lado de lá, do outro lado da moeda e eles vão vendo o que é, que tem que mandar eles fazerem silêncio, que tem que mandar eles se concentrarem e a gente pede muito pra eles fazerem esta parte da pergunta né, jogar a pergunta pra eles porque aí eles vão construindo a aula com a gente, eu acho essa metodologia muito importante. O SENAC também tem essa metodologia e o SENAC ainda tem... porque ali na EFOS ainda a gente faz prova né, e o SENAC é mais...a gente constrói mesmo, se atingiu ou não atingiu o objetivo. E a gente tem que ver se a gente acha que ele atingiu ou não, é bem difícil, eu acho que nota às vezes a gente precisa porque a gente sempre fica pensando será que foi certo, será que não foi certo, será que ele atingiu, será que não tinha muito pra dar, mas é outra metodologia então eu acho que essa parte de a gente tá na dúvida, então acho que essa parte muito importante, muito importante a gente tá sempre reciclando né.

5. Na concentração é eles terem a concentração mesmo e ver que aquilo é bem importante, que é lá no estágio que eles vão precisar né então quando a gente coloca eu acho que a gente leva experiência daqui como, por exemplo, vou ti dizer uma coisa, a gente tem

que ter na concentração eu acho que a gente tem que levar um pouco de dispersão né, sempre né, o nosso como é a enfermagem a gente consegue bastante, porque tem laboratório pra gente levar e essa coisa de levar imagem, levar placenta quando eu vou dar dequitação, eu vejo que eles, na verdade porque deveria ter os dois juntos né. Quando eu desse uma aula agora amanhã já tivesse aquela aula de dispersão, mas não dar pra ser assim, eu sei que não dá. Mas o ideal seria esse tu dá uma aula hoje, amanhã tu já tá dando dispersão né porque daí eles estarão com tudo fresquinho. A gente passa aquele tempo, quando eles veem para o estágio tem que rever tudo. Eu como dou obstetrícia é muita especialidade, na verdade nada é fácil na enfermagem né, então assim ah é um campo que todo mundo quer vir: pra maternidade, mas aqui daí eles trabalham com FM (feto morto e tudo) e eles não vem preparados pra isso, o que a gente fala lá, mas chega aqui é uma realidade bem diferente né. Então eu digo assim, o que eu acho mais pega na dispersão, o mais difícil na concentração é isso é eles se concentrarem e ter consciência, se conscientizarem também que isso vai ser usado até ali eles não tem muito...tem que pegar porque quando chega aqui eles não sabem. A gente sabe que manda estudar, como ontem eu perguntei (...).

E na dispersão eu acho que é isso a falta da teoria, a falta do estudo, na verdade pegar mais na teoria que eles veem como oba-oba, né no oba-oba...

6. Eu acho que complementasse né, porque se fosse com frequência também pra nós fica difícil, assim tu dizer ah eu vou fazer (...)ou então que fosse né uma vez por mês, então naquele dia a primeira quarta feira do mês, ficava, a gente já se programava...

7. O que eu preciso na prática pedagógica né, eu acho que a gente como da enfermagem, eu acho que a gente precisa de material, é isso que estas colocando né, eu acho que precisa de material de laboratório que eu acho que é muito importante, porque mesmo sendo no boneco, no manequim, eles sabem que ali é um boneco, mas eles sabem que não é igual, mas que pelo menos tem a base né. Eu acho que também essa parte da técnica de fazer no boneco tem que fazer primeiro pelo menos pra que essa parte da sondagem, de tu não contaminar luva, porque se eles vêm nu e cru, eu acho que precisa ter material né, material didático, eu acho que é muito importante a apostila né. As apostilas porque no nosso tempo tinha a caderneta, a gente fabricava uma caderneta, na hora que tu estavas fabricando aquela caderneta, eu dei aula assim, eu dei aula antes na (...).

ANEXO B – ENTREVISTA 02 NA ÍNTEGRA

Data: 06/02/2019

Nome (iniciais): T.M.S.

Idade: 43

Profissão: ENFERMEIRA

Graduação: ENFERMAGEM

Pós-graduação: URGÊNCIA / EMERGÊNCIA

Mestrado: -

Tempo de formado na graduação: 05 ANOS

Tempo de atuação na Efos: 04 ANOS

Tempo de atuação na Docência: 04 ANOS

RESPOSTA DAS QUESTÕES

1. Não. A gente continua estudando né, eu acho que quem dá aula tem que estar sempre se atualizando e até um aluno comentou comigo se a gente estudava pra dar aula, daí eu falei que sim, que a gente tem que se aprofundar no assunto que a gente está dando até porque a gente não sabe o questionamento dos alunos né, lembrando que mesmo assim pode ser que a gente fique em dúvida em alguma coisa daí depois a gente vai atrás.

2. Bom, dar aula pra mim é quase um hobbie né, então a aula eu dou como um hobbie mesmo, então eu tenho um dia que eu tiro só pra dar aula, e eu dou aula algumas vezes a noite. Então quando surge aula para mim a noite eu pego, porque eu... é um hobbie eu digo assim que dar aula me desestressa um pouco desse dia-a-dia aqui. Então eu dou porque eu gosto. A minha atividade principal é a casa de repouso. A aula é um hobbie.

3. Eu acho que sim, eu acho que eles tem que estar sempre se aperfeiçoando, então sempre que tem um curso que a gente tem oportunidade de ter, eu acho que até pra gente pro crescimento da gente é bom, acrescenta bastante.

4. Não. Assim na verdade eu tenho a minha metodologia né, eu tento sempre fazer uma aula diferenciada, eu sou assim uma icognita, as minhas aulas elas tem que ser sempre, eu sempre uso muito a dinâmica, eu tento ensinar para os alunos de uma forma diferenciada, então eu uso a minha própria dinâmica. Então as minhas aulas tem dinâmica, tem trabalho, eu sou bem diferenciada como se diz, então eu sou uma caixinha de surpresa. Toda vez que eu vou dar aula eu invento uma coisa nova, para que com essas dinâmicas eles

tirem uma lição de alguma coisa do que eu estou ensinando para eles. E se torna mais gostoso para eles aprenderem, então essa é minha metodologia.

5. Eu acho que na verdade eu acho que é o foco dos profissionais que a gente está tendo agora né, eu acho que o pessoal tá... o pessoal desvalorizou um pouco muito, eu não sei se é porque como a gente tem muito comprometimento com a profissão, a gente acha eles um pouco assim meio que , ah vamos ver se vai dar certo...é tipo que é uma coisa que eu proíbo em sala de aula nas minhas aulas são o celular que é uma coisa que desfoca muito, então eu acho que é um pouquinho da falta de comprometimento dos profissionais hoje, acho que uma geração não tão comprometida né, então tu às vezes bate de frente muito com isso(...).

6. Eu acho que tudo que vem pra nós acrescenta, assim como a gente incentiva os alunos a fazerem isso, pra nós também é um acréscimo, é uma coisa que ninguém vai perder com isso, pelo contrário, a gente vai ganhar então tudo que vem pra somar eu acho que é perfeito.

7. Eu uso assim mesmo, eu uso a minha metodologia, a minha forma com que eu acho assim ó: oque que eu uso muito com os alunos, eu uso muito assim ó o porque você está fazendo isso, é quando o aluno sabe o porque que ele está fazendo aquilo, pra ele, ele vai ter mais convicção, quando tu faz por fazer fica uma coisa assim, ai eu tenho que fazer porque a professora disse que eu tenho que fazer, então eu vou um pouquinho mais além, o porque que você tem que fazer aquilo, quando você sabe o porque você tem que fazer, você vai fazer a coisa com certeza(...)Eu acho que esse estudo é de grande crescimento, eu acho que alguém tem que se preocupar com isso mesmo até pra ver os profissionais que vão formar outros profissionais né. Quando tu ofereces uma vaga tem um monte de gente que vai, que vai pegar, mas será que eles têm o mesmo comprometimento? Então eu acho que a própria escola teria que fazer uma seleção nesse sentido, de pegar profissionais que realmente queiram fazer e que realmente gostem porque quando tu fazes oque tu gostas, tu faz bem feito. Agora quando tu faz só pra ganhar um dinheirinho a mais, tu já vê pelo profissional que trabalha as vezes até em dois lugares, quando ele quer fazer só pra ganhar um pouquinho a mais ele acaba as vezes não fazendo tão bem feito.

ANEXO C – ENTREVISTA 03 NA ÍNTEGRA

Data: 07/02/2019

Nome (iniciais): GCR

Idade: 36

Profissão: ENFERMEIRA

Graduação: ENFERMAGEM

Pós-graduação: Segurança do Paciente / Gestão em saúde

Mestrado: Acadêmico em enfermagem

Tempo de formado na graduação: 08 anos

Tempo de atuação na Efos: 07 anos

Tempo de atuação na Docência: 08 anos

RESPOSTA DAS QUESTÕES

1. Posso capacitação pedagógica. No mestrado eu tive aulas na área da educação porque daí a gente trabalhou com algumas metodologias de ensino durante o mestrado.
2. Não. A atividade principal é na assistência. Em horas semanais a atividade principal é 30 horas e a docência em torno de 20 -30 também.
3. Sim.
4. Eu conheço algumas, mas eu acredito que eu tenha dúvidas porque nem todas eu conheço. Eu conheço a metodologia do Paulo Freire né, que a gente trabalhou bastante no mestrado, a tradicional, mas acredito que deve ter outras metodologias que eu não conheço.
5. Na concentração, como a escola quer que a gente trabalhe na metodologia ativa de Paulo Freire eu tenho dificuldade porque eu sou da época do tradicional, então eu acabo tendo dificuldade ainda de deixar o aluno ser mais, agir mais, ser criativo. Eu acabo sempre querendo trazer pronto pra eles, mas eu tento que ele explore mais essa é a minha dificuldade na concentração.
6. E na dispersão eu cobro mais a parte ativa dele na verdade né, porque eu peço pra eles pesquisarem quando eles tem dúvida, eu acredito que a dispersão é menos né, a dificuldade menor, eu acredito que a maior dificuldade não seria na metodologia, seria na minha questão de ta...tipo assim, no estágio a preocupação é que eles façam tudo certinho, que não tenha nenhum problema com o paciente, nesse caso, mas tenho maior dificuldade na concentração, na questão de metodologia.
7. Sim. Acho que seria bem interessante, até teve algumas enquanto eu estava lá, mas acho que não foram muito válidas, poucos professores participaram, a metodologia

também utilizada não deixou a gente com vontade de participar, de repente uma coisa mais animadora que trouxesse sei lá(...).

8. Eu tenho dificuldade de deixar o aluno agir sozinho, então eu sempre quero ajudar, daí quando eu tentava fazer essa prática ativa né, metodologia ativa, eu tinha dificuldade mas porque a gente sempre quer se meter, mas eu tentava me controlar então isso é difícil mas eu tenho que aprender mais. Mas eu acho que também até no mestrado, os professores principalmente na área da educação elas tentavam sempre utilizar metodologia ativa. Só que a gente é acostumada com a metodologia tradicional. Eu não sei como é que eu vou cobrar de um aluno se eu não fizer prova, pra mim parece que eu tenho que ter uma prova. Então isso eu acho que eu teria que perder de alguma maneira, como aprender a avaliar se ele realmente aprendeu sem ter que fazer uma prova, um trabalho(...). É e repente se fosse um número menor de alunos a gente conseguiria trabalhar melhor a metodologia ativa porque agora com uma turma de 30-40 todo mundo participando junto é difícil. Então de repente aprender a lidar com essa técnica de no caso da metodologia ativa com uma turma menor pra ir começando né. Apesar de eu ter feito mestrado, de eles quererem que a gente trabalhe com essa metodologia ativa na escola, eu tenho dificuldade.

ANEXO D – ENTREVISTA 04 NA ÍNTEGRA

Data: 07/02/2019

Nome (iniciais): JHJ

Idade: 35

Profissão: ENFERMEIRA

Graduação: ENFERMAGEM

Pós-graduação: Terapias Integrativas e Complementares / Saúde Pública

Mestrado: -

Tempo de formado na graduação: 05 anos

Tempo de atuação na Efos: 02 anos

Tempo de atuação na Docência: 05 anos

RESPOSTA DAS QUESTÕES

1. Não possuo.
2. Eu me dedico a docência 15 horas semanais e nas restantes 30 horas semanais.

A minha atividade principal não é a docência é assistência.

3. Eu acredito que sim pelo fato de eles não saberem pesquisar na internet, às vezes eles vão, tem dúvida sobre alguma coisa, sobre alguma doença ou algum procedimento de enfermagem e eles não sabem aonde procurar e aí acabam indo no google e ali eles acabam absorvendo coisas as vezes irreais e acabam tendo informações não verdadeiras.

4. Dúvidas eu acredito que a gente tenha e as principais metodologias eu conheço.

5. Eu acho que na concentração eu acho a dificuldade de a gente fazer com que o aluno se sinta membro do estudo sabe, então eles acreditam que vão para a escola e que o professor tem que dar todo o conhecimento né e isso eu acho que é bem difícil de a gente fazer com que eles estejam ali presentes, no sentido de responsáveis pelo seu aprendizado. Eu acho que é muito difícil, ainda mais que a gente trabalha com adulto, a gente não precisa ficar chamando o tempo inteiro, ai desliga o celular, olha presta atenção, e isso eu acho que é bem difícil em questão de concentração.

6. E na dispersão a nossa dificuldade maior eu acredito que quando a gente faz a teoria a gente passa uma coisa que é teórico e as vezes já está um pouco ultrapassado a teoria, no sentido por exemplo de um banho de leito, tu não consegue dar um banho de leito conforme tu aprende na técnica, tu não consegue amarrar um lençol conforme tu aprende na técnica porque (...).

7. Eu acredito que é de suma importância, porque assim nós como profissionais a gente acaba criando alguns hábitos diários de trabalho e que a gente tenta se policiar por ser docente, em fazer tudo na técnica e se policiar no nosso trabalho realmente. Mas eu acredito que a educação continuada é de muita importância para que a gente sempre estimule também na gente o aprendizado.

8. Eu acredito que na docência a gente tem pouco estímulo de conhecimento assim, eu acho que a gente deveria ter mais, eu acho que as escolas deveriam estimular mais isso, tanto na graduação, tanto na pós-graduação, eles deveriam fornecer pra gente mais subsídios pra que a gente pudesse sair dali sabendo passar o conhecimento pro próximo, e eu acho que a gente teria que realmente ser mais estimulado neste sentido, porque tem muitos colegas que não conseguem repassar, sabem mas não conseguem repassar porque não sabem ser estimulado este lado.

ANEXO E – ENTREVISTA 05 NA ÍNTEGRA

Data: 07/02/2019

Nome (iniciais): ETSS

Idade: 50

Profissão: ENFERMEIRA

Graduação: ENFERMAGEM

Pós-graduação: UTI

Mestrado: -

Tempo de formado na graduação: 06 anos

Tempo de atuação na Efos: 04 anos

Tempo de atuação na Docência: 05 anos

RESPOSTA DAS QUESTÕES

1. Não. Na verdade não né. Mas eu fiz, antes de fazer o técnico de enfermagem eu comecei pedagogia na faculdade né, mas fiz pouco tempo também, e eu fiz magistério antigamente. Então assim um pouco de didática, um pouco de coisa a gente sempre ganha né. Mas assim, recentemente não.

2. Não. Não é a principal hoje. É relativo porque tem época, quando tu tá em sala de aula, é porque são blocos né, então isso é muito relativo. Agora começa uma época grande de estágio né, eu começo com estágio semana que vem, daí já vem três semanas seguidas só que mesmo assim são quatro horas por dia, mas já dá sessenta horas em três semanas. Daí vai intercalando com o Regional (...)

3. Acho muito importante, eu acho que faz muita falta. Assim quando eu comecei a dar aula, na verdade eu sempre tive uma queda por dar aula né, tanto que eu fiz magistério, eu dava aula pra criança, mas eu digo assim, até hoje quando pega sala de aula mesmo pra dar aula tu...a tu acaba fazendo malabarismo né, porque tu tem que fazer um diferencial lá dentro e eu acho que isso ajuda muito(...). Quando eu tenho que dar alguma aula, eu fico tão focada naquilo, leio um monte de artigo, leio um artigo, leio outro, pra ver realmente se tá certo, se a atualidade é isso mesmo porque tu não quer errar, e se tu tiver um apoio por trás de ti, se tu tiver técnicas diferentes pra tu saber chamar a atenção daqueles alunos, pra tu saber dar aula e rebolar né. Ou tu faz a tua aula interessante ou tu só vai ver aluno cochilando em sala de aula e daí é uma frustração porque eles trabalham né, então eles vão cansados para sala de aula(...).

4. Ah eu tenho bastante dúvidas, na verdade eu conheci a da Efos porque eu, o Beto né, eles apresentaram pra gente lá na capacitação, alguma coisa da metodologia, mas eu acho que isso é um assunto muito amplo também. A gente acha que metodologia é simples, mas quando tu vai estudar a fundo tu vê que a gente não sabe nada, e como faz falta.

5. Na concentração eu acho que essa coisa de tu chamar a atenção do aluno pra que ele foque no que tu está falando, eu acho que essa didática mesmo assim e tu se fazer ver né, é tu ver, porque eu vejo assim ó, quando eu vou dar alguma aula que eu faço uma dinâmica, por mais tola que seja essa dinâmica, os alunos grandes viram tudo criança né, eles ficam tudo ligado em ti, tudo rindo e tudo brincando e tudo, é porque aquilo chama atenção deles(...) chega no final tu não sabe mais o que usar, tu não vai só brincar, brincar com eles e né, tem que ter outras metodologias. Eu acho que isso é o mais difícil (...).

6. E na dispersão eu acho que é quando tu pega, nem vou dizer que é teimosia, é aqueles alunos que acham que sabem tudo, assim eu acho muito complicado, bom tu passou por isso, eu acho muito complicado porque tem aluno que chega, porque é motorista do samu, acha que é médico, e eu sou bem humilde nesse ponto, eu sempre digo que estou ali pra aprender com eles também, porque a gente não sabe tudo, mas o aluno que se cresce muito, aquele aluno que se acha demais, acha que sabe mais do que o professor, isso me irrita, me irrita porque não, pode até saber bastante, mas a gente tem que aprender junto(...)

7. A educação permanente eu acho que é muito melhor, eu acho que educação permanente é tudo em qualquer lugar, não só na escola, no próprio hospital, a gente sente falta aqui também de uma educação permanente (...).

8. Eu gosto muito de usar dinâmica, eu acho que isso entra nessa pergunta né. Eu uso muito a dinâmica na minha aula, tanto que quando eu faço uma aula, quando eu preparo uma aula, eu vou atrás de dinâmica, é a montanha russa, a última que eu fiz foi montanha russa, tu olha em vídeo e uma aluna gravou, meu Deus parece um monte de criança num jardim de infância. Gente de 30 – 50 anos entendeu? Relaxa e tu ti diverte, então eu acabo focando muito nessa dinâmica aí, seria a minha prática pedagógica né que eu acho muito necessária porque acorda os alunos e tem aqueles que não querem fazer (...).

ANEXO F – ENTREVISTA 06 NA ÍNTEGRA

Data: 08/02/2019

Nome (iniciais): LA

Idade: 47

Profissão: ENFERMEIRO

Graduação: ENFERMAGEM

Pós-graduação: URGÊNCIA/ EMERGÊNCIA

Mestrado: -

Tempo de formado na graduação: 11 ANOS

Tempo de atuação na Efos: 08 ANOS

Tempo de atuação na Docência: 11 ANOS

RESPOSTA DAS QUESTÕES

1. Não. Na Efos a capacitação eu tive aqui, na efos não, eu tive nas palestras aqui no Celso, eles falavam capacitação a educação continuada, mas nada específico.

2. Não. Olha, e que nos últimos anos a docência eu trabalhei dando estágio, então a média praticamente a cada quatro meses, seis meses que vem essas turmas, a gente dá em média quatro horas por dia quando começa esse período de dois meses, três meses, depois dá um intervalo de dois, três meses, daí começa de novo, não e em sala de aula é em campo de estágio (...).

3. Com certeza. Eu acho que a base crucial pra ti ter qualidade no ensino, pra ti ter qualidade no profissional que tu tá formando porque quando eu comecei eu tive essa dificuldade, não tendo essa formação a gente começa a dar aula em função da experiência que tu tem, tu molda da maneira que tu acha que é certo, apesar da escola ter ementa das disciplinas, hoje estão mais exigentes mas na época quando eu comecei em 2008 não tinha aquela cobrança de como tu vai dar aula, de que forma. O professor chega pega o material monta e dá da sua forma, então tu tem muita divergência em conteúdo, é muito focado no ambiente que tu trabalha, se tu trabalha na coronária, se tu trabalha em emergência, a tua aula vai ser mais rica, se tu trabalha em outra área, área cirúrgica e tu não tem tanta experiência com certeza vai ficar falha. Se tu não trabalha aí fica muito pior, com a vivência que a gente tem dos graduados em enfermagem, que nas escolas hoje, acho que de repente é por isso que a valorização do profissional acaba sendo prejudicada, a escola eles pagam muito pouco, e em função disso tem uma rotatividade muito grande de profissionais, e a falta de

comprometimento dos servidores, tu não tem aquela, aquele compromisso de, vai muito do caráter do professor, mas se tu arrumar algo melhor, a primeira coisa que tu vai largar é as aulas e assim que tu te forma, se tu não arrumar nada a primeira coisa que tu se direciona é pra sala de aula. È um bico, vai lá faz a sua parte e.

4. Eu conheço poucas metodologias pra te falar bem a verdade, eu sempre aprendi em sala de aula, eu aprendi com a minha vivência hospitalar, então eu trabalho muito a parte prática que é o que eu tenho, mas se tu seguir aquele roteiro, eu não tenho. Eu criei um roteiro em cima do aprendizado com os colegas, em cima das exigências das escolas que tem, porém eu não tenho aquela rotina colocada pela faculdade.

5. Na docência é justamente em sala de aula a carga teórica, tu tem que se atualizar, tu tem que correr mais atrás dos conteúdos, ainda mais hoje com toda essa tecnologia digitalizada e tal, tu tem, as informações são muito ricas e de outra forma tem situações muito distorcidas, então tem que ter cuidado, tu tem que saber o que está colocando para o aluno e automaticamente tu é muito questionado também pelo aluno em sala de aula, tu tá, é meio que um desafio, você não tem um controle da sua turma em sala de aula, tu perde um pouco na pelos questionamentos que eles te fazem, tem aluno que vem só pra te questionar, questionar, questionar e não muito interessado pelo conteúdo mas as vezes pra incomodar um pouco também, então tem essa dificuldade. Outra dificuldade que eu vejo é que tem que ter domínio do conteúdo e tu tá sempre te preocupando com essas etapas aí.

6. A dificuldade que eu vejo, não em destreza de procedimento, que eu sempre fui muito humilde, se eu não sei eu vou atrás, aprendo aquela coisa toda, a dificuldade que eu sinto as vezes é a estrutura das unidades hospitalares em campo de estágio, que eles não tem uma estrutura, como uma unidade é muito diferente da outra entendeu? Mas a recepção também com os alunos a gente tem certa dificuldade, certa resistência, então isso é o que eu vejo de dificuldade

7. Com certeza, eu acho que isso falta muito, eu acho que a escola deveria investir nessas duas fases, eu acho que é fundamental, a ansiedade que eu tinha quando comecei não ia existir, e hoje a demanda é grande de enfermeiros que estão se formando, cada vez mais eu acredito que a necessidade sim. Essa formação é crucial.

8. Eu dou aula passando o conteúdo, porém me aprofundando nas práticas vivenciadas, aprofundando nas dificuldades que o aluno aponta. Então ele trás aquela dificuldade, tu faz aquela comparação, tu dá uma resposta, entendeu? Então é muito dinâmica a minha aula, eu trabalho muito com os exemplos, com as colocações, em cima da bibliografia também, então a gente faz um conjunto.

ANEXO G – ENTREVISTA 07 NA ÍNTEGRA

Data: 08/02/2019

Nome (iniciais): DLM

Idade: 52

Profissão: ENFERMEIRA

Graduação: ENFERMAGEM / DIREITO

Pós-graduação: Ensino para enfermagem

Mestrado: -

Tempo de formado na graduação: 18 anos

Tempo de atuação na Efos: 04 anos

Tempo de atuação na Docência: 18 anos

RESPOSTA DAS QUESTÕES

1. Capacitação pedagógica.
2. Não necessariamente, porque eu trabalho como enfermeira assistente efetiva dentro do Nereu Ramos e a questão de ensino foi mais como um segundo vínculo do qual eu gostei. Então são 18 anos acompanhando. Sempre foram juntas, paralelas. Vinte horas para a docência e trinta horas para a assistência.
3. Sim. É essencial.
4. Eu tenho dúvidas, me falta rever algumas né. Eu tenho dúvidas. A que eu mais me apeguei foi a de Paulo Freire a que é libertadora. Eu busquei até por conta própria.
5. Na teoria eu acredito que falta mais tempo de estudo para elaborar a questão técnica, na parte tecnológica mesmo de preparo de aula.
6. Na prática eu penso que os alunos deveriam ficar mais envolvidos na prática e não ter prática noturno e sim diurno. Isso prejudica para o assistido no caso o paciente cliente e para o aluno porque ele fica preocupado com a hora, não tem muitas técnicas que acontecem a noite, o paciente está dormindo muitas vezes, então são três horas, que no meu ver não deveria haver estágio a noite, isto eu sempre digo.
7. No quadro de educação permanente.
8. Primeiro eu levo de acordo com a filosofia da instituição, como eu trabalho numa rede pública eu consigo trabalhar em Wanda Horta, consigo trabalhar Oren, isso aí dá essa liberdade, agora numa instituição religiosa como eu já trabalhei, aí já vem, já tem a teoria deles. Também trabalhei no hospital em Blumenau também particular. Então tinha que seguir

as diretrizes da instituição, não tem como você seguir outra prática. Às vezes até no dia a dia, dava pra envolver, vamos dizer assim, o autocuidado – não pode – tem que ser seguir aquela prática da instituição. Fiz estágio na escola militar ali na polícia militar - também não temos - então não dá esse leque de liberdade, de ação, de assistência, de pensar no paciente em si, em primeiro lugar o paciente – não- tem toda uma burocratização né. Sim senhor, não senhor, tem que perguntar para o comandante, tem que seguir as normas, então.

Eu penso que todo enfermeiro, todos nós enfermeiros deveríamos ter essa prática, até mesmo no seu setor de (...).

ANEXO H – ENTREVISTA 08 NA ÍNTEGRA

Data: 08/02/2019

Nome (iniciais): RFTD

Idade: 53

Profissão: ENFERMEIRA

Graduação: ENFERMAGEM

Pós-graduação: Gerontologia a Acupuntura

Mestrado: Cuidado em saúde e enfermagem nas situações agudas e crônicas de saúde

Tempo de formado na graduação: 19 anos

Tempo de atuação na Efos: 08 anos

Tempo de atuação na Docência: 18 anos

QUESTÕES NORTEADORAS:

1. Sim.
2. Não. Cerca de 10 horas.
3. Sim.
4. Não tenho conhecimento de todas, mas a que a EFOS utiliza (arco de mangarez) não tenho dúvidas. Além da que a EFOS trabalha tem um conhecimento a cerca de algumas formas de ensino tais como: Metodologia de Ensino Construtiva.
Mintessori ensino a distância, o método tradicional.
5. Sim.
6. Não, pois os alunos estão mais forçados e com muito mais interesse em prática.
7. Acredito que o ideal seria com mais frequência pelo menos pra mim.
8. Bom, eu incremento minhas aulas conforme o interesse dos alunos, pois cada turma é diferente com expectativas diferentes. Como utiliza as teorias na sua prática? Não sigo nenhuma específica cada aula pode se tornar diferente dependendo do interesse do aluno.